

ILUSTRAÇÃO



VELHOS TRAJOS LISBOETAS (SECULO XVIII)

1.º ANO — Número 3

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1926

PREÇO 4,800

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



Use diariamente os productos
RAINHA DA HUNGRIA
e todos os da
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Massagem estética. Manual e vibratória. — Tratamentos de alta frequência. — Pintura dos cabelos. Ondulação Marcelle e permanente com o aparelho GALLIA. — Manucure.

LISBOA

AVENIDA DA LIBERDADE, 23

Tele } fone : NORTE 3641
 } gramas : BELLEZAK

RIO DE JANEIRO

RUA 7 DE SETEMBRO, 166

Tele } fone : CENTRAL 1701
 } gramas : BELLEZAK

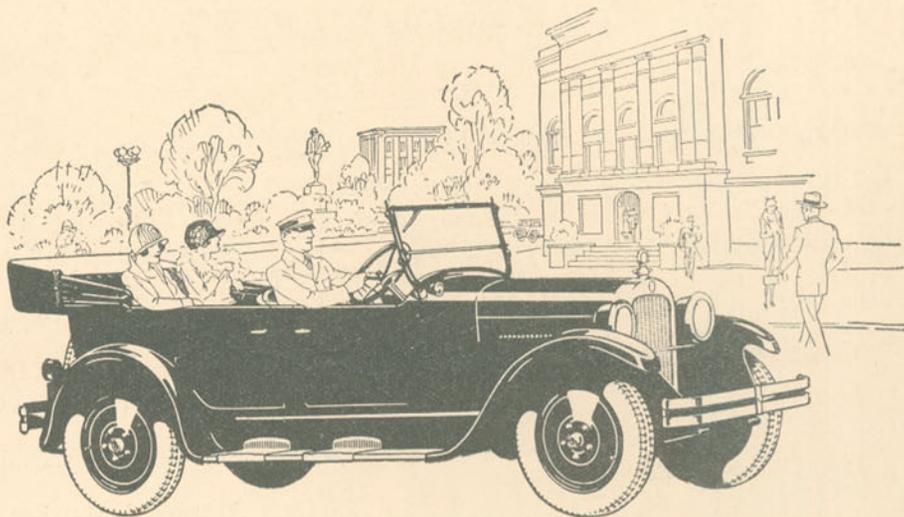


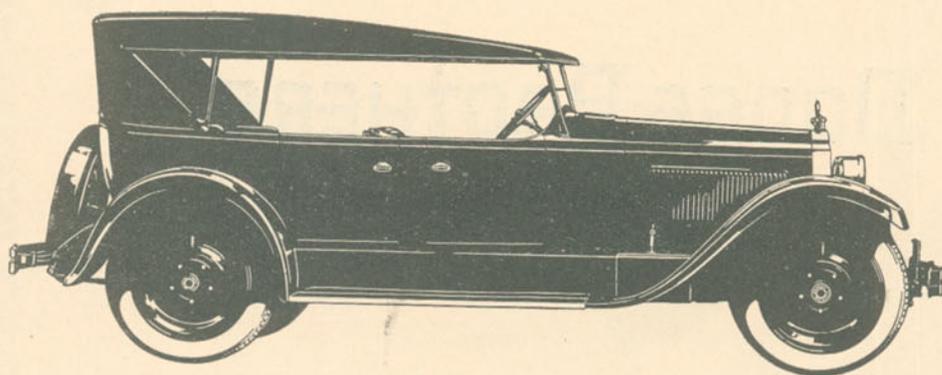
DODGE BROTHERS

O automovel "*Dodge Brothers*" pela comodidade e conforto que oferece, é quasi sempre o carro escolhido por quem tenha de transitar por más estradas.

A simplicidade do seu motor e a superior qualidade do aço empregado na sua construção são garantia de nêle se poder confiar para ir a qualquer parte.

BERNARDINO CORRÊA, L.^{DA}
1, AVENIDA DA LIBERDADE LISBOA





O AUTOMOVEL PREFERIDO
DOS CONHECEDORES

Packard

SALÃO D'EXPOSIÇÃO

4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

OREY ANTUNES & C.^ª, L.^ª

LISBOA PORTO

AUTOMOVEIS

CAMIONS


MORRIS

MORRIS-COWLEY

MORRIS-OXFORD

MORRIS-LEON BOLLEE

O MAIOR SUCESSO DA FABRICAÇÃO INGLEZA

Maravilhosas provas de resistencia nas nossas estradas. Todos os aperfeiçoamentos modernos.

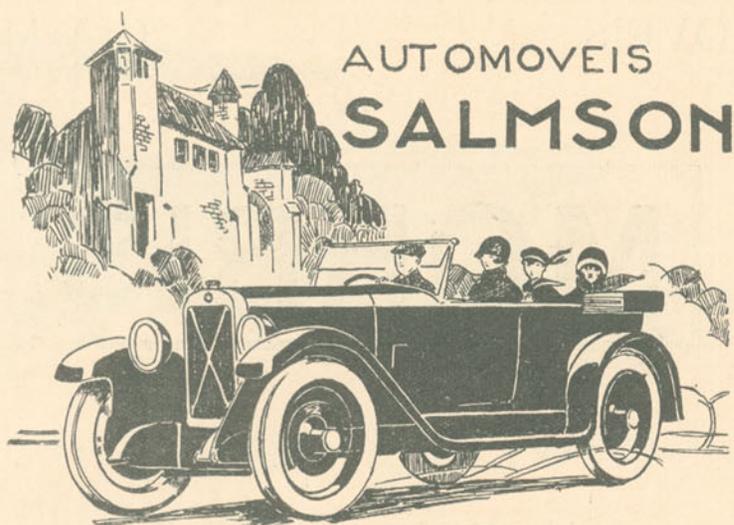
A CHEGAR MODELOS DE 1926

Carro pequeno com as qualidades e aperfeiçoamentos do carro grande. — Todos os accessorios dos melhores fabricantes inglezes. — Instalação electrica Lucas (usada pelo Rolls-Royce). — 4 tipos de chassis — 11 tipos de carroserie.

AGENTES EXCLUSIVOS
PARA
PORTUGAL E COLONIAS

A. M. ALMEIDA LIMITADA

Rua da Escola Politecnica, 37-A, 37-B — LISBOA



AUTOMOVEIS SALMSON

Torpedo SALMSON 7 $\frac{1}{2}$ H. P. de 4 logares, com travões ás 4 rodas, chassis de pontas reforçado de quadro fechado, com molas inteiras á frente e meia-cantélever atraz.

Motor monobloco de 4 cilindros, com 62 $\frac{m}{m}$ de alesage e 90 $\frac{m}{m}$ de course, cilindrada 1086 cm^3 e valvulas colocadas na parte superior comandadas por colbuteurs.

5 RODAS, CALÇADAS COM PNEUS CONFORT 715 \times 115
CONTA-QUILOMETROS, RELOGIO, AMORTISSEURS, MI-
SE-EN-MARCHE E ILUMINAÇÃO ELECTRICA.

SALMSON 7 H. P. O carro mais economico.

6 LITROS DE GAZOLINA E 100 GRAMAS D'OLEO AOS
100 QUILOMETROS.

SALMSON 7 H. P. o carro mais rapido do mundo na sua cate-
goria.

ARPAJON em 11 de Outubro de 1925, Record do mundo do
quilometro lançado, a 182 QUILOMETROS 232 METROS
Á HORA.

S. SEBASTIAN em Setembro de 1925 — Primeiro premio do
Circuto em estrada de 531 quilometros, com a media fantastica
de 100 quilometros á hora.

Unicos concessionários para Portugal e Colónias

ARMANDO CRESPO & C.[^]

Rua do Crucifixo, 118 a 124

LISBOA

**REBELLO
DE ANDRADE & ALCOBIA^{1.ª}
LARGO DO CARMO 15
LISBÔA**

CONSTRUÇÕES - DECORAÇÕES - MOBILIÁRIO

<p>PROJECTOS DE ARQUITECTURA</p>	<p>ARTIGOS DE DECORAÇÃO</p>
---	--

RALEIGH

A MELHOR E MAIS PERFEITA

MOTOCICLETA

Para entrega imediata, modelos
2 1/4 e 2 3/4 HP.

Stock Michelin para au-
tomovel, moto e BICI-
CLETA

ARMANDO CRESPO & C.^ª

Automoveis, Motocicletas e BICICLETAS

116, R. do Crucifixo, 124 — LISBOA



EGIPCIOS DA MAIS FINA QUALIDADE
E AROMA

À venda em toda a parte

Importadores: V. Contreras & Filho
R. 1.º de Dezembro, 7

FANDORINE

contra as doenças das senhoras

Hemorragias
Metrites
Obesidade
Fibromas
Menopausa

Comunicados :
Acad. de Sciencias de Toulouse
9 de Março de 1916.
Acad. de Medicina de Paris
16 de Novembro de 1915
e 13 de Junho de 1916.

Établissements Chatelain
10 Grandes Premios
2, Rue de Valenciennes, Paris, e em
todas as Farmacias.



A FANDORINE liberta a mulher dos seus achaques

80% das mulheres
estao descontentes
com a sua saude.

Este admiravel preparado para
instantaneamente as hemorragias.
Professor GARRIGOU,
da Faculdade de Med. de Toulouse,
Director do Instituto de Hidrologia.
(Monografia á Academia de Medicina de
Paris, 13 de Junho de 1916.)

A Fandorine é baseada sobre
as descobertas mais misteriosas
da sciencia moderna e realisa o
medicamento completo, tipo, das
doenças espedias do sexo femi-
nino.
Doutor POULLET,
Professor agregado de partos da
Faculdade de Medicina de Lyon.

A. VINCENT, L^{ra} — CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS — RUA IVENS, 56 — TEL. 1858 C.



Allo!

O CRÈME e o PÓ D'ARROZ
serão da marca

TEINDELYS

PARFUMS DE LUXE ARYS

3 Rue de La Paix — PARIS



DENTIFRICOS
PASTA, PÓ, OU SABÃO
DOS RR PP

BENEDICTINS
DE SOULAC



O BENEDICTIN de SOULAC é o unico DENTIFRICO cujas qualidades hygienicas são appropriadas aos cuidados da bocca. E absolutamente inofensivo

O BENEDICTIN é um producto francez UNIVERSALMENTE ADOPTADO

REPRESENTANTE E DEPOSITARIO PARA PORTUGAL
A. VINCENT, Rua Ivens, 56, LISBOA

TEINDELYS

Creme para o rosto



Mantem o pó e assegura uma excelente coloração

dá uma
Cór de Lyz

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

UN JOUR VIENDRA



Perfume Perturbante Penetrante

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

TEINDELYS



ARYS
3, Rue de la Paix
PARIS

Pó adherente
Impalpavel
(todas as cores)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24 Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

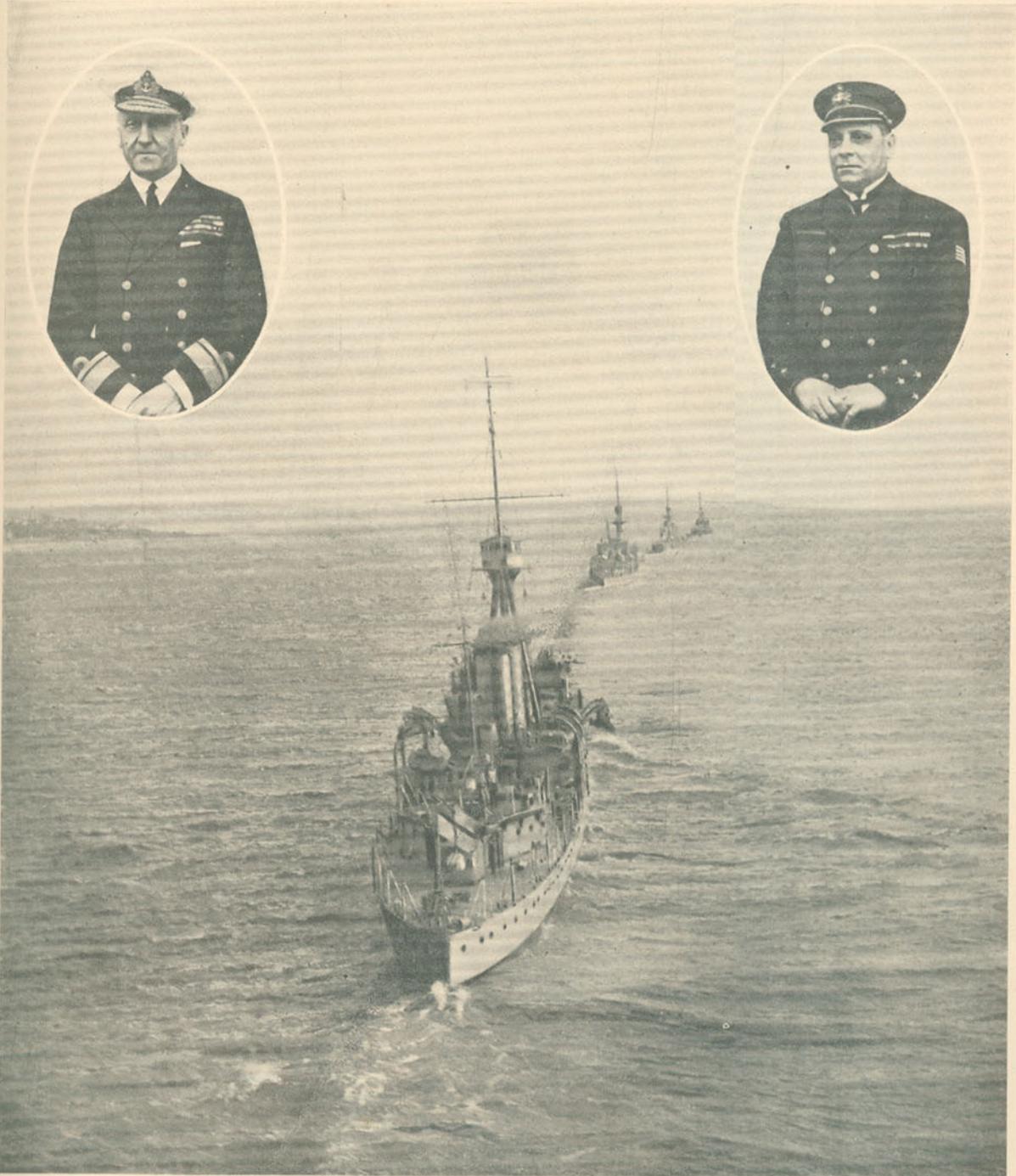
R. Anchieta, 25—Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 1.º—NÚMERO 3

1 DE FEVEREIRO DE 1926



À ESQUADRA INGLESA SAINDO A BARRA.—Uma flotilha, destacada do grosso da Armada Inglesa, quiz honrar Portugal, vindo convidar o senhor ministro da marinha a assistir às grandes manobras que se realizaram nas nossas águas. Fotografia tirada por Serra Ribeiro expressamente para a *Ilustração* de bordo do hidro-avião Tellier, pilotado pelo tenente Marcos Garin

À esquerda: O almirante inglês H. Kallay — À direita: O Ministro da Marinha sr. Pereira da Silva

CRÓNICA DA QUINZENA

«Momentos há em que uma Nação, para não morrer, precisa tomar resoluções heróicas, e nós, quer-me parecer, estamos num desses momentos culminantes da História.»

Com estas palavras terminava a crónica da quinzena transacta, crónica assinada pelo sr. Brito Camacho e na qual se tratava, com a proficiência e elegância literária que era de prever, de um curioso e sintomático episódio parlamentar: a propósito de um grande roubo, explosão de fúria destruidora contra... os roubados, que são o Estado, o seu banco emissor, e portanto nós todos.

Reatando o fio, podemos dizer que a Nação não tomou, de há quinze dias para cá, nenhuma resolução heróica; e que os episódios parlamentares continuam, não menos curiosos e sintomáticos, pois que, a propósito do mesmo grande roubo, se deu nova explosão de fúria destruidora, mas agora contra... as prisões e as incomunicabilidades dos presumidos ladrões. Em nome da justiça, exige-se que se não interrompa por mais tempo a educativa cavaqueira dos falsificadores com o mundo exterior. E outros indictos mostram que uma parte da Nação se sente orfã de bom conselho e anseia por escutar de novo a palavra dos Mestres sequestrados.

Daqui nasceram certos boatos de uma revolução vingadora, que deitaria fogo ao processo das notas falsas (chapa 2, effigie de Vasco da Gama), e nas suas respeitáveis lavaredas fritaria os srs. Mota Gomes e Alves Ferreira. Mas, até o momento em que escrevemos, ainda não se tomou esta resolução heróica, nem o emissor Alves dos Reis foi promovido a D. Sebastião II, fazendo a sua entrada equestre no Terreiro do Paço, aplaudido pelo Povo e abonado pelo sr. Pinto de Magalhães.

Emquanto se não resolve que a verdadeira epopeia nacional é a *Arte de Furtar*, e não os *Lustadas*, chegam notícias de conjurações e até de movimentos separatistas nas duas grandes colónias de Moçambique e de Angola. Asfixiada pela administração central, que lhe manda quasi sempre parasitas imbecis ou doidos para a governar, e a desorganiza a ponto de a tornar incomunicável com a Metrópole, sugando-lhe ou evaporando-lhe a moeda de troca, a nossa África sente-se naturalmente cansada de ser nossa, e aspira a ser sua ou seja de quem for. Esta é uma nova e grave consequência da governação bolchevista que entre nós começou quando ainda não havia bolchevismo na Rússia, entendendo-se por aquele termo politico o des-governo absoluto: perder o que estava ganho, destruir o que havia feito, e baptisar esta miséria com o nome de paraíso.

A Rússia dos Sovietes começou por diminuir de tamanho, e depois destruiu o comércio e a indústria, aumentou espantosamente a burocracia militar e civil, deixou arruinar os meios de comunicação e transporte, esfomeou os povos e fundou escolas para ensinar revolução aos meninos. Por cá tem-se feito aproximadamente a mesma coisa, com menos sarrabulho e menos pressa, porque a nossa natureza é mais doce e a nossa psicologia menos fanática; mas já vamos ficando sem estradas; já nos não chegam os impostos para pagar os funcionários; já aumentámos o número das escolas que não sabem formar senão parasitas, burocratas ou

revoltados; já não podemos comerciar sequer com as colónias. E se estas se nos vão embora, eis-nos ainda mais pequenos do que já éramos, o que nos fará mais diferença do que a Rússia, que apesar de amputada atravança ainda o mapa da Europa e o da Ásia.

Muita gente continua a ter medo de que cá chegue o bolchevismo russo, esquecida de que cada país fabrica o seu bolchevismo com a lata da casa (na falta de prata), e sem ver que o bolchevismo português já tem uns poucos de anos de idade e já leva adiantada a destruição da economia nacional. Pode até supor-se, com mediano optimismo, que as alternativas pendulares da politica nos farão em breve e de qualquer maneira arrear caminho, visto que, pobres e pequenos como somos, até já nos falta terreno para andarmos mais para... diante, sem cair ao poço.

Mas não será só com discursos, conferências, revistas, artigos, manifestos e programas que se ajudará o pêndulo na sua oscilação compensadora. Este país abunda em prosa cívica, e não passa do civismo poético. O seu simbolo já não é o Zé Povinho com a albarda às costas: é o Pinheiro Maluco a pregar virtude a quem o não ouve senão para se rir dela e dê-lo.

Ora aqui entra no seu quadro próprio outro facto importante da última quinzena, e vem a ser o manifesto dirigido ao País pela *Cruzada de Nun'Alvares*, bem intencionada prosa subscrita por nomes tão respeitáveis como os de José Maria Rodrigues, Antero de Figueiredo, Malheiro Dias, Pequito Rebelo, etc. Ai se afirma: «Nós somos o *feixe* de honra pertencente a todos os partidos, unidos na crise presente por um mesmo pensamento nacional». Ai se apela para o «espírito de coesão e unidade, sem o qual não há salvar-nos e engrandecer-nos». Ai se diz, concluindo: «Não foi só com a espada que Nun'Alvares Pereira salvou Portugal: foi com o seu espirito, foi com a sua alma, em que o santo abraçava e coroava o herói».

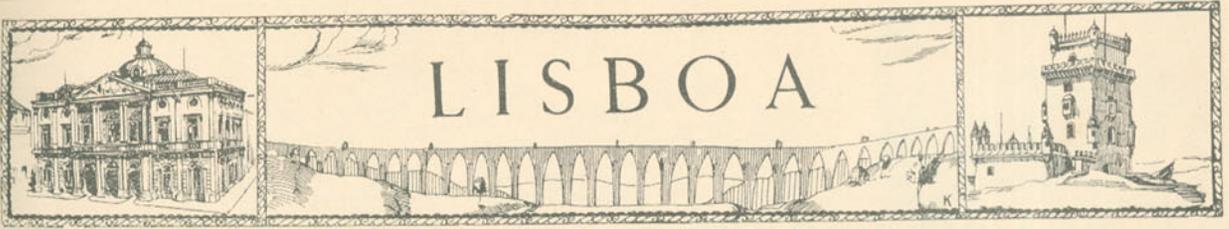
Este apêlo à união é oportuno, no momento em que tanto se ouve falar de scições no partido monárquico e no partido catolico, nas facções republicanas e nas organizações operárias. Talvez até seja fácil organizar um *feixe* de todos os partidos, exactamente porque os partidos todos se estão desenfexando. E depois? Nun'Alvares sem espada e só com alma? Mussolini sem óleo de ricino e só com manifestos? Cruzados de braços cruzados?...

Eu digo franca e redondamente que a virtude, incapaz de entrar-nos pelos ouvidos, tem de entrar-nos pela pele. E peço uma espada para o Pinheiro Maluco, já que Nun'Alvares nos aparece sem ela. Detesto a Rotunda, o Arsenal, o Castelo de S. Jorge e a nossa marinha de guerra civil; mas simpatizo, em certos termos, com os *formigas*, os *trauliteiros* e os *legionários vermelhos*, porque em matéria de entusiasmo cívico, politico ou social, não vejo neste país, e há muitos anos, quem se emparelhe com eles. As suas ideias podem ser erradas, os seus deuses podem ser falsos idolos, os seus dogmas podem parecer-me superstição ou heresias. Não importa: se eu fosse apóstolo como devia e queria, era ali e não noutra parte que poderia encontrar militantes ou soldados. Bem sei que a audácia fisica posta ao serviço social comporta muita vez uma forte percentagem de covardia,

quando se fia na impunidade, ou se exerce por cilada, ferindo de longe e sem risco próprio. Por isso a não defendo, nem recomendo. O que quero é contrapor a superioridade dos que *ousam e fazem* à miséria dos que só ouvem, leem e falam, e de tudo tem medo, até do ridículo. A gente da *Salvation Army* é ridícula com as suas procições e bailados na rua; mas exala convicção, fé e coragem, porque as tem, as põe em movimento, e assim convence, catequiza e arrasta os outros homens. A nossa mocidade burguesa encarada como elemento de civismo nacional, como «esperança da Pátria», tem medo do ridículo, tem medo do barulho e tem medo do trabalho cívico. Não ataca nem se defende. Não funda obras sociais, nem colabora nas poucas que existem. Não se aproxima do povo e ninguém lhe ensina útilmente o gôsto e o respeito do trabalho manual. Para cada onze rapazes fortes que andam aos pontapés na bola, há onze mil que assistem paralticos, e nas horas vagas não fazem nada que mais preste. Nas ruas e praças das cidades maiores confrange e vexa o espectáculo da sua obscena ociosidade. Nas igrejas como nas esquinas, a religião de muitos dos nossos mancebos finos consiste em poluir com o olhar e a má lingua as irmãs uns dos outros. E a prova da sua inconsciência e também da sua orfandade —; pobres seres sem país, sem guias e sem mestres! — está em que, num tempo em que tanto se discutem os privilégios da sua classe, muitos dêles prolongam por semanas a fio o entrudo selvagem (que nos paises vivos dura dois dias e em recintos fechados), impedindo o trânsito aos que trabalham e obrigando a «divertir-se» com eles os que teem mais que fazer do que eles, e suam para lhes pagar as aulas de hoje, e os emprêgos e sinecuras de amanhã.

Merecem simpatia e respeito os estudantes que estudam e sentem com seriedade precoce a tragédia da sua pobre Pátria. A esses, quando os assusta o futuro das nossas colónias, é preciso lembrar-lhes que a ruina actual é obra de parasitas e politicos, estudantes de ontem; e que a maior ameaça para o destino do nosso Ultramar está nos futuros parasitas e politicos, estudantes de agora. É preciso dizer-lhes que o País se empobrece e suicida exportando anualmente dezenas de milhar de homens do povo, para serem bostas de carga em terra estranha, do mesmo passo que deixa as suas colónias desertas de pioneiros activos e enérgicos, porque as falsas escolas que sustenta servem principalmente para colonizar o Terreiro do Paço, ou os cafés, casinos, batotas e lupanares adjacentes. É preciso mostrar-lhes, com números bem fáceis, que nem três Portugais a trabalhar e a produzir poderão pagar daqui a cinco ou dez anos os impostos necessários para nutrir a praga de diplomados det rês Faculdades de Letras, três Institutos de Engenharia, três escolas de Farmácia e duas faculdades de Direito, fora o resto.

Faça isto quem tenha idade, saúde, força e fé para a urgente propaganda. E um belo dia os próprios estudantes — os bons e os dignos — serão os primeiros a explicar ao iludido povo que o seu verdadeiro inimigo, o vampiro-mor do seu suor e do seu sangue, está nas aulas — e não nas fábricas, e muito mais que nos bancos.



S. Ex.^a Sr. Presidente da República e os convidados ao banquete oferecido em sua honra pelo Sr. Embaixador do Brasil, Dr. Cardoso de Oliveira



Aspecto do banquete oferecido pelo sr. Ministro da Marinha na sala do Risco, ao almirante e à oficialidade da esquadra inglesa que recentemente nos visitou



Funeral do capitão Castro e Silva e tenente Brito, vítimas de um desastre de aviação no campo de Alverca, acontecimento que consternou todo o país, dando causa a que no Parlamento se debatesses as deficiências com que luta em Portugal a 5.ª arma



O sr. Dr. Alves Ferreira (o terceiro a contar da esquerda) com os magistrados e seus cooperadores nas investigações referentes ao Banco de Angola e Metrópole



Reunião magna de açorianos realizada na Sociedade de Geografia para a fundação do Grémio Açoreano

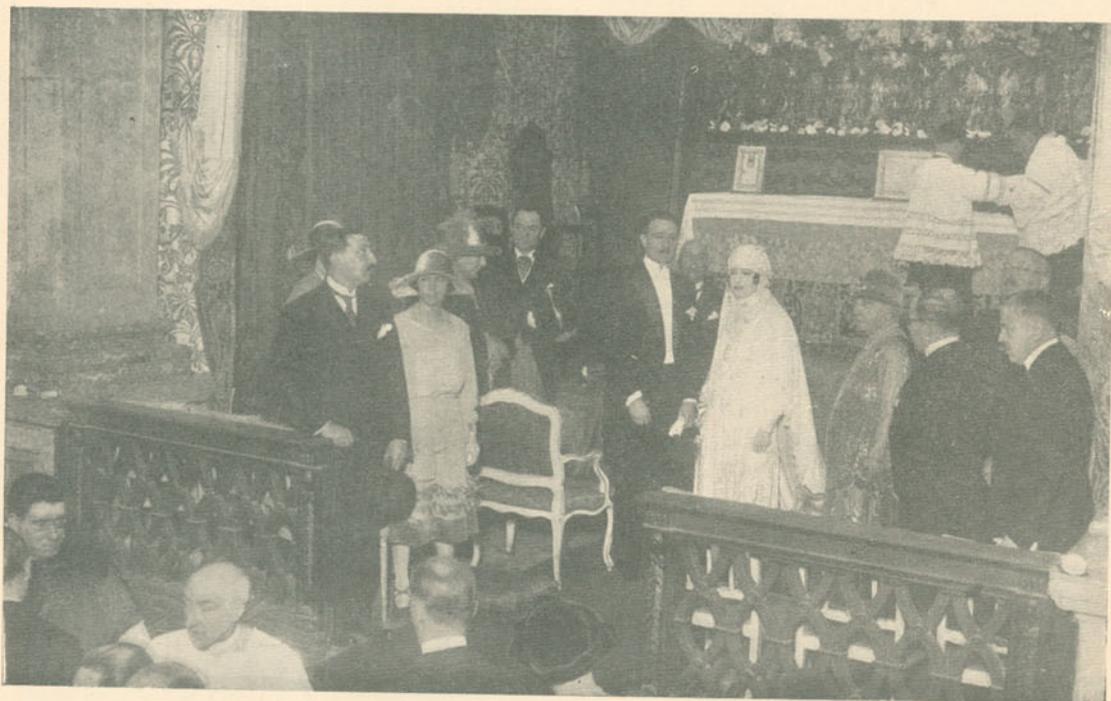


O Porto não cerrou nem o seu coração nem a sua bolsa perante a desgraça de Espinho. Também um bando precatório, que obteve importantes donativos para esse simpático fim, percorreu as suas ruas. Em cima vai o cortêjo passando na Avenida Rodrigues de Freitas. Em baixo vê-se um grupo de gentis artistas que actualmente trabalham nos seus teatros saindo, para se incorporarem no bando do edifício dos Bombeiros Voluntários do Porto

ILUSTRAÇÃO

SOCIEDADE ELEGANTE

CASAMENTO PRINCIPESCO



O casamento da Senhora D. Helena da Silveira de Vasconcelos e Sousa filha dos Srs. Marquezes de Castelo Melhor, com o príncipe Roberto de Broglie na capela do Palácio da Ros



A Condessa Blanche de Clermont Tonnerre
D. Maria Helena de Lencastre Teles da Sylva (Tarouca)
e o Sr. Eduardo Burnay



Os noivos à porta da igreja,
acompanhados de Mgr. Nicotra, Nuncio de S. S.
depois do casamento



Os príncipes Roberto de Brogli:



D. José de Melo Breyner, D. Gonçalo de Melo Breyner, Julio Mardel de Arriag e outros convidados à porta da igreja



Depois do casamento: Os Senhores Marquês de Castelo Melhor, Condessa de Castelo Melhor, Marquesa de Castelo Melhor, D. Maria Emilia da Silveira de Vasconcelos e Sousa, Conde de Castelo Melhor e Marquês de Ponte de Lima

DESSPORTOS



Uma fase do match Sporting-Vitória do qual saiu vencedor o grupo de Setúbal

HOCKEY

REALISOU-SE um interessante *match* de hockey entre o grupo da esquadra inglesa e o Club Internacional de Foot-ball quando da vinda dos navios ingleses a Lisboa. O desafio foi presenciado por uma assistência selecta, tendo os ingleses ganho pelo «score» de 5 a 2.

O grupo inglês causou excelente impressão sendo talvez a melhor equipe estrangeira que tenha jogado em Lisboa.

Os portugueses jogaram muito mal, como nunca os vimos jogar, mas apesar disso obrigaram os seus adversários a trabalhar com grande esforço para conseguir a vitória.

• • •

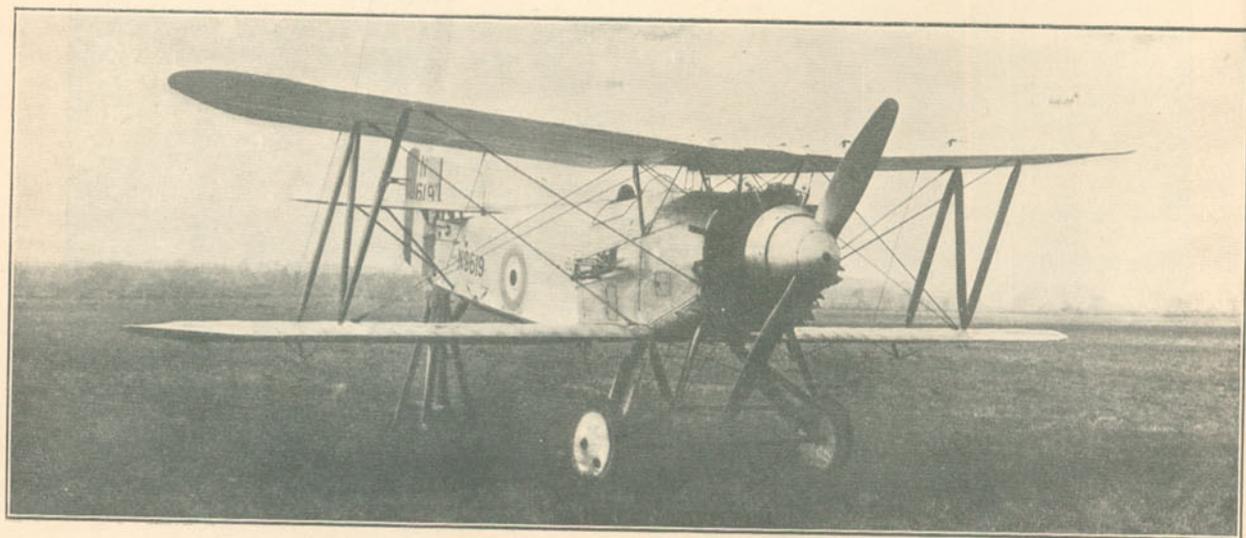
O AVIÃO FAIREY «FLYCATCHER»

A esquadra inglesa, que ultimamente esteve em Lisboa, trazia a bordo de um dos seus cruzadores um avião cuja fotografia reproduzimos.

Este aparelho, que é tripulado pelo aviador Sr. Bultill, tem as seguintes características: Serve para reconhecimentos, podendo levantar vôo no pequeno espaço de 7 metros, que era o comprimento do tombadilho do navio no qual o avião era transportado.

A sua velocidade é de 220 quilómetros à hora e aterra no referido tombadilho com a velocidade de 70 quilómetros.

Podê este aparelho deslocar de um navio e ir aterrar noutra.



O avião Fairey (Flycatcher)

TENNIS

Miss Helen Wills que é sem dúvida a melhor jogadora dos Estados Unidos da América do Norte, encontra-se actualmente em França.

Entrevistada pelos jornalistas franceses quando da sua chegada, declarou que vinha à Europa em viagem de recreio como prémio de um ano e meio de estudos na Universidade de Beurkeley (Califórnia).

Tendo-lhe sido perguntado se jogaria tennis durante a sua estada no continente, respondeu Miss Wills que certamente tomaria parte em alguns torneios pois que adora o tennis, que pratica sempre com o maior entusiasmo.

Tenciona inscrever-se no torneio de Cannes nos courts do Lawn-Tennis Club e a seguir pensa tomar parte no torneio de Nice que começa em 1 de fevereiro.

Calcula encontrar nestas provas Melle Lenglen contra quem tem o maior empenho em jogar.

Não penso ganhar, diz Miss Wills, mas jogarei o melhor que possa. E se fôr batida procurarei a desforra inscrevendo-me em outros torneios.

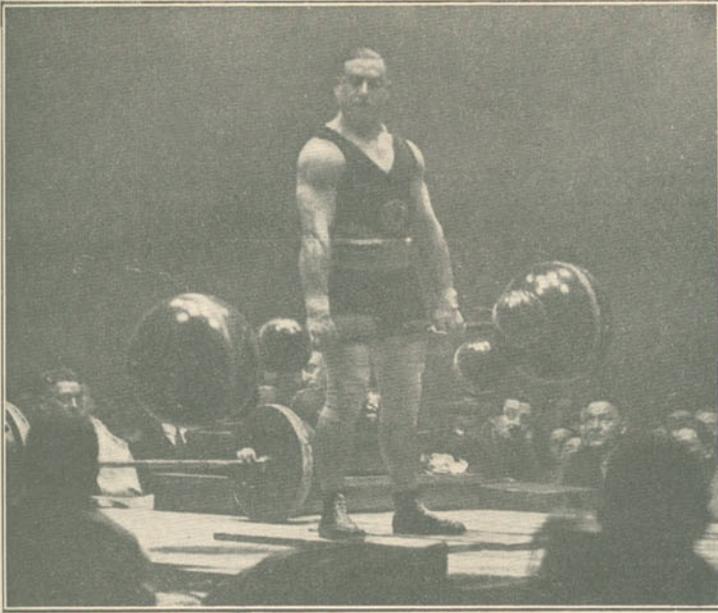
Conta jogar em Paris nos Campeonatos Internacionais de França que se devem realizar em junho próximo e em seguida irá jogar a Wimbledon aos campeonatos do mundo.

O encontro Lenglen-Wills tem pois todas as probabilidades em vir a realizar-se e é aguardado por todos os desportistas com o maior dos interesses.

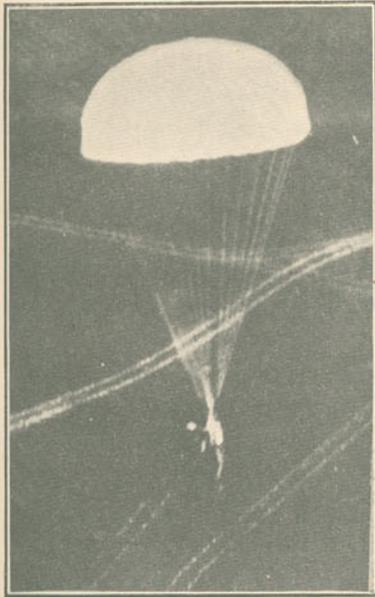
O célebre jogador J. O. Anderson interrogado sobre o resultado deste match, diz que Melle Lenglen ganhará certamente e com relativa facilidade, pois que na sua opinião Lenglen é perfeita como jogadora.

A sua pancada é esplêndida e os seus «volleys» estão fora de toda a critica, jogando sempre com grande inteligência.

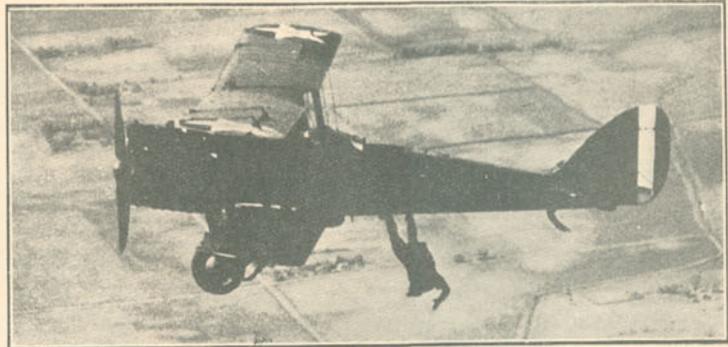
Somos também da opinião que Melle Lenglen sairá vencedora deste encontro, mas que Miss Wills conseguirá defender-se brilhantemente.



O match Rigoulot-Cadine. Na gravura junta vê-se o vencedor Rigoulot num dos seus exercicios



O pára-quadras depois de aberto



O observador apetrechado com o pára-quadras Irving lançando-se de uma altura de 600 metros

O PÁRA-QUEDAS IRVING

ESTE pára-quadras que já foi adoptado pelos Governos Americano, Inglês e Brasileiro, é já empregado há cinco anos sem que tenha acontecido um único desastre áqueles que o têm experimentado.

O seu funcionamento é perfeito, deixando completamente livres todos os movimentos da pessoa que se servir d'ele.

O seu peso é de pouco mais de 5 quilos.

O seu volume é pequeno e o pára-quadras é todo feito em seda japonesa, sendo tão resistente que suporta em descida um peso de 250 quilos sem ruptura.

Fizeram-se experiências em que o pára-quadras com um peso de 100 quilos, abriu quando atingiu a velocidade de queda 640 quilómetros á hora.



O observador equipado com o pára-quadras Irving

ESTRANGEIRO



(Cliché ENRT)

A Exposição Missionária do Vaticano foi uma imponente demonstração da acção civilizadora que a Igreja vem exercendo desde longos séculos. Na gravura assiste-se à cerimónia do seu encerramento escutando S. Santidade Pio XI, a alocução final.



O príncipe Carlos da Roménia que renunciou aos seus direitos à corôa, para se entregar livremente a um sonho de amor.



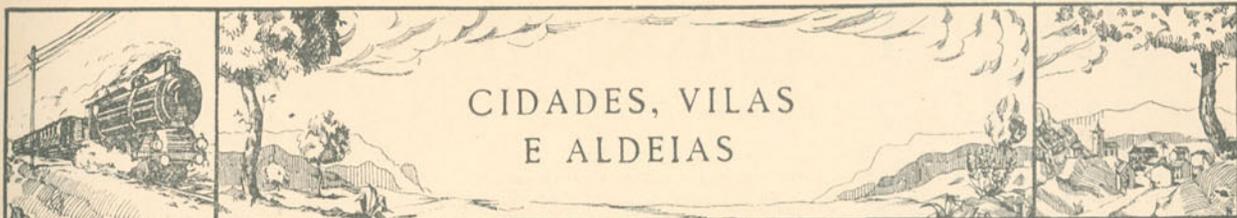
(Cliché ENRT)

As tempestades de neve atingiram também os domínios do belo sol latino. No dia 13 de Janeiro último uma nevada cobriu as ruas de Roma e deu um curioso aspecto às suas ruínas monumentais.



EM PARIS — O programa financeiro do governo francês, ameaçando os interesses dos funcionários públicos, deu causa a que estes manifestassem o seu desagrado. A gravura mostra a Place de la Concorde invadida pelos manifestantes.

Dar de comer a quem tem fome... inclusivé aos passarinhos, para cujo almoço, scrvido por piedosas senhoras, a neve estendeu nas alamedas do jardim do Luxemburgo uma toalha branca como o linho.



CIDADES, VILAS E ALDEIAS

EVORA

PRAÇA DO GERALDO—TEATRO GARCIA DE REZENDE

ÉVORA, *claro celeiro de pão*, como a classificou Augusto Gil, merece bem o título de cidade-museu. Como que sequestrada até há anos por um deficiente serviço de caminhos de ferro, hoje sente-se liberta do seu isolamento,



visto que, mercê dos atilados esforços do ilustre engenheiro que dirige as linhas do Sul e Sueste, sr. Plínio Silva, essas viagens são feitas com segurança, comodidade e rapidez, permitindo até aos mais avarentos de tempo a ida e o regresso dentro do mesmo dia, com espaço de mais de cinco horas para visitar os pontos mais belos e

sua tomada aos mouros pelo chefe Geraldo-sem-Pavor. Conservando numa fachada arcarias da idade-média, oferece ainda a característica da sua *fonte*, que, se não prima por ligeira e graciosa, tem singularidade no seu estilo. Construída de mármore branco, remaca-a uma corôa de bronze e das suas oito carrancas, do mesmo metal, jorra a linfa dessedante. Nesta praça era armada a fogueira dos autos-de-fé e vários lances dramáticos da história a tiveram por cenário.

O *Teatro Garcia de Rezende*, sito no lado ocidental da Praça Joaquim António de Aguiar, onde existiu o Convento de S. Domingos, foi construído em 1881, segundo debuxo do engenheiro Silva Monteiro e a expensas dêsse grande benemérito de Évora que se chamou o dr. Francisco Eduardo de Barahona Frágoso. Custou naquele tempo cousa de 150 contos de réis e ficou sendo um dos nossos melhores teatros da provincia. O tecto da sala é de Ramalho, que

se encontrou rodeando dos nossos mais cotados pintores contemporâneos nessa decoração.

SERRA DA ESTRELA



nimbados de arte e de história, tais como o Templo Romano, vulgo de Diana, a Sê, a igreja de S. Francisco, os Loios, os Museus, etc.

Damos hoje aspectos de duas das suas curiosidades: A *Praça do Geraldo* e o *Teatro Garcia de Rezende*.

Aquela tem a si ligada a tradição do passo capital da história do velho burgo alentejano: a

sua paisagem alpestre, um que surpreende, a cascata do *Pôço do Inferno*, em cujos acidentados rebordos a água gelou, e outro um lanço panorâmico colhido junto da mesma



queda de água — o que pretendemos é chamar a atenção de quem de direito para as mesquinhas condições que ainda pesam sobre o acesso àquela magnífica estância turística.

Os seus meios de comunicação conservam-na, por assim dizer, interdita à maioria dos que, pelas encantadoras e profundas sensações de perigo e de imprevisto que êle oferece, amam o excursionismo nas montanhas.

Poderíamos pôr a nossa Serra da Estrela a competir com os Pirenéus e com os Alpes, se, ajudando a natureza, que não nos regateou gallas nem maravilhas, a dotássemos das condições de acesso fácil e cómodo que originam o incremento do turismo.



O I R M Ã O

O Indomável fundeu em frente de Porto-Saïde, ainda não era meio dia, e, correspondidas as salvas, o comandante desembarcou a fim de visitar as autoridades. Mal o barco passou ao comando do imediato, a faina de bordo tornou-se mais risonha, como se apenas bastasse vêr-se livre da carrancuda autoridade do comandante para que o elemento juvenil da tripulação desse largas à alegria. Os oficiais de folga iam já subindo à coberta em traje de passeio, e o ouro das insígnias rimava, sob o ardente sol, com as tapas dos canhões. O mar, bastante picado, dava-nos, com as suas constantes ondulações, a sensação duma imensa ossatura; e da cidade, branca e baixa, vinha de tempo a tempo bandos de pombas que pareciam pedacitos desprendidos da mesma cidade, impacientes por saudar o navio.

— Então, vai finalmente conhecer o Oriente, Jáurégui?

O interpelado, um segundo tenente muito novo, respondeu:

— Entro de serviço às seis; mesmo assim conto desembarcar; tenho lá paciência para esperar até amanhã!

— Diga ao nosso velho que altere a escala; tratando-se de si...

O velho era o comandante; e se nesta expressão não houvesse mais um gracinho respeitoso que o propósito de qualificá-lo exactamente, chamá-lo «envelhecido» teria sido melhor, porque sóbrios anos estendera a misantropia qualquer coisa que o acercava dessa lenta tristeza que se encontra além da plenitude viril. Exacto no cumprimento do dever, com a dupla autoridade militar e náutica presente a tudo, ninguém, nem mesmo aqueles que durante mais tempo tinham navegado sob as suas ordens, podia alardear familiaridades suas. E, contudo, durante aquela viagem o tenente Jáurégui parecia ter aberto brecha naquele isolamento inexpugnável. Em duas ou três ocasiões tinha o velho travado conversação com êle, fora das horas de serviço. Com a sua juventude apenas, a sua cara infantil sôbre o corpanzil desenvolvido por largos exercícios ginásticos, sem cálculo, mercê, apenas, desse mistério poderoso da simpatia, o oficialinho, que realisava a sua primeira viagem, lograra o que muitos não tinham conseguido com perseverança ou adulações.

Quando as palavras, um pouco irónicas, do invejoso camarada sugeriam a Jáurégui que certamente o velho o autorizaria a trocar as horas de serviço, ao longe, da tersena, separava-se o gasolina, que pouco depois se detinha junto da escada do portaló. Ao subir, após um breve colóquio com o imediato, disse o comandante:

— Quem estiver livre pode desembarcar.

E, ao vêr Jáurégui dirigir-se para a borda, perguntou de rôsto contraído:

— Vai também a terra?

— Só entro de serviço às seis, meu comandante.

— Sim, sim... no entanto...

— Como não conheço Porto-Saïde... Além disso, depois dum mês quasi de viagem...?

— Ora, precisamente por isso... Não desembarque, que tenho que lhe falar. Faz-me o favor de subir para a ponte e esperar-me no camarote...

— Pronto, meu comandante.

Os camaradas saltaram para a lancha e, depois de comentar com estranheza a atitude do velho e a ordem dada ao seu predilecto, dispersaram-se ao chegar a terra. Poucos momentos depois chegou o comandante ao camarote onde o esperava Jáurégui.

— Sinto tê-lo contrariado — disse-lhe.

E, após um momento de mutismo durante o qual as contrações do rôsto lhe testemunhavam o monólogo interior, acrescentou em tom breve:

— Mas, afinal, faça o que entender... Se não entra de serviço senão às seis, pode ir a terra.

— Sinto muito se incorri em alguma falta, meu comandante... Se posso repará-la...

Então, com rude ternura, o velho pôs-lhe a dextra sôbre o ombro e, fazendo-o sentar, falou-lhe com voz que pouco a pouco se foi amortecendo até impregnar-se de lágrimas e quasi desfalecer...

— «Nenhuma falta, meu rapaz... Sente-se... Ainda não lhe disse que se parece extraordinariamente com um irmão meu que morreu há tempos. Era mais novo do que eu e também homem de mar. Um desses irmãos a quem o mais velho serve um pouco de pai... Ao vê-lo a si, não sei se soffro, se goso com a ilusão de vê-lo a êle. E a semelhança não está nas feições, está no tipo, na voz, sobretudo; creio, também, que um pouco no carácter... Se soubesse a impressão que me produziu há pouco vê-lo em traje de passeio no tombadilho, ao subir!... Pareceu-me um espectro... Assim o vi eu a êle daquela vez: eu era primeiro e êle segundo tenente; eu estava de serviço; e quando deram licença para desembarcar, vi-o sem presentimento algum descer a escada e afastar-se... No regresso contou-me a aventura... Quem a suporia de tão funesta transcendência! Separara-se do grupo de oficiais e metiera-se pela cidade dentro, pode supôr com que fim... Quando se é jovem e se levam vinte dias de abstinência com a vida activa de bordo, respirando o ar tónico do mar somos todos os mesmos... Êle, como todos nós, tinha lido muitos livros sôbre o Oriente e sentia-se fascinado pelo exótico e o misterioso destas partes. O seu espirito delicado impediu-o de cair numa dessas casas de vicio cosmopolita... Oxalá tivesse caído! Não; quis cometer sósinho a aventura, e meteu-se num labirinto de pequenas ruas, em busca do pomo singular. Muitos olhos o deviam ter namorado das janelas e muitas mãos acenado, a chamá-lo; êle seguiu, seguiu até aos arrabaldes, até a um dos últimos casinhotos duma viela que ia morrer na campina saibrenta e adormecida. Ia a passos firmes, guiado por essa segurança rara que às vezes nos faz parecer conhecidos de há muito lugares visitados pela primeira vez. A sua mã estrêla devia ir adiante dêle; mas êle não a via.

— «Ali, numa reixa, estava uma mulher jovem e formosissima. Êle olhou-a, acercou-se a falar-lhe, pediu-lhe licença para entrar e ela baixou os olhos... O meio dia era tórrido, como o de hoje. Da luz e da tepidez do céu, da própria lassitude das coisas coava-se um sopor estranho e sensual... Ah! com que acento de entusiasmo me falou meu irmão da maravilhosa oriental de olhos profundos e corpo especioso! Ao despedir-se disse-lhe ela: Não me dê nada que

não aceito. O que quero é que volteis mais vezes. Mas olha tu, não digas a ninguém onde estiveste!

«Meu irmão saiu cambaleante, êbrio, cheio dessa felicidade, um pouco atônita, que produzem os sonhos realizados; e, pouco antes de levantar ferro, quando o chefe do piquete de árabes que nos carregava o carvão ia tomar o bote, chamou-o de parte, para lhe dizer:

«Fazes-me um favor na cidade? É coisa de pouca importância... Trata-se de comprar a melhor caixa de doces que encontrares e de mandá-la, em meu nome, à mulher que vive em... Não penses que há algum laço entre nós... Palavra... Quero apenas corresponder a um momento de deliciosa conversação que tive com ela. Asseguro-te que nem sequer consentiu que a beijasse através da reixa.

«O homem aceitou o dinheiro, escutou com irónico interêsse as indicações minuciosas, dadas em voz baixa e, então, sem abandonar um sorriso frio que, ainda hoje, ao recordá-lo, me enche de ódio e me gela de espanto, respondeu:

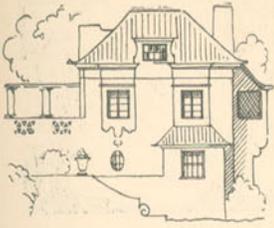
«Por si, meu tenente, regosijo-me, que tenha havido apenas conversa... A pequena é incomparável... Uma verdadeira huri... Mas ninguém se atreve a passar-lhe da porta, embora a sua pele seja de veludo e tenha o perfume são dos frutos recém-maduros... Maçã rosada e sem mancha é ela... sómente com uma pequena larva invisível que acabará por comê-la toda... Vive só e raras vezes sai... Os pais dela morreram de lepra.

«Não pode supôr a impressão de martirio que lhe causaram aquelas palavras, quem sabe se caluniosas e malvadas. Eu de nada tive conhecimento; mas vi meu irmão empalidecer, consultar autores, manter renhidas disputas com o médico, banhar-se com ansia, envelhecer em poucos meses... Até que a mudança de clima e de paisagens e êsse terrível talisman que se chama o Tempo, o foram calmando sem devolver-lhe, ai! o seu antigo sêr...

«Transcorreu um mês, dois, sete... Subi de pôsto e tive que passar para outro barco... A minha alma, porém, através da distância, seguia-o; e juro-lhe que no dia em que ocorreu a catástrofe, tive presentimento, ou antes, a visão tremenda dela. Foram encontrá-lo no camarote; uma bala detivera-lhe para sempre as inquietações do coração. Ninguém pôde compreender porque razão um dos oficiais mais novos, rico, sem dividas e sem amores, se suicidava. Ainda depois de morto conservava a cara muito fina e o corpo atlético, como o senhor. Ao despi-lo, o médico apenas lhe encontrou, perto do pescôço, uma dessas borbulhas que aparecem em tanta gente, ao despontar a primavera.

«Perdoe-me, tenente, que o não tenha deixado desembarcar para contar-lhe esta história, para mim tão triste e para si, talvez, indiferente. Esqueça-a, e perdoe-me também estas lágrimas... Vá, desembarque, se lhe apetece, que ainda tem tempo... Autoriso-o, até, a permutar com um camarada.

— Obrigado, comandante... Consinta-me que fique ao pé de si. Não, não desembarco.



A CASA PORTUGUESA



ÁTRIO NA CASA DO SNR. ERNESTO HENRIQUE DE SEIXAS EM SBNTA



A MODA

TOILETTES SIMPLIS

A elegância delineada pela moda vigente, é sobretudo caracterizada por uma graciosa sobriedade de corte e guarnições, mercê da qual a distinção feminina se afirma plenamente.

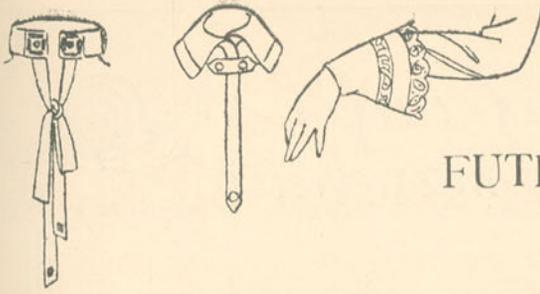
É certo que os grandes fabricantes nos apresentam tecidos sumptuosos de inesperados efeitos artísticos e reflexos surpreendentes, em que os rendilhados metálicos, as sedas e as pedrarias se aliam numa harmonia estética de entontecer.

Mas todo esse luxo é guardado para de noite, quando o brilho das luzes pode arrancar de todas essas combinações de maravilhosa e opulenta fantasia, o máximo efeito. Para de dia, porém, a moda põe apertados limites aos seus caprichos e traça-nos toilettes nas quais, como se vê nos primorosos modelos que publicamos, duas criações inéditas da grande casa parisiense Amy Linker, se observa o maior cuidado em evitar efeitos espalhafatosos sempre de mau gosto quando os não rege um criterioso bom gosto, e muito menos aceitáveis ainda, quando devam aparecer fora do ambiente perfumado e brilhante dos salões. Para estas toilettes escolhe-se um bom tecido de cor sóbria, na escala dos tons castanhos ou dos róxos, cores que a moda



distingue com excepcional predileção, em seda ou lã. Entre estas são preferidas as *Kashas*, *Kashadraps* ou *reps*, seda em lã, ou *draps-sain*, setim *duchesse*, ou *gros cotelé* ou qualquer outro tecido de seda compacto, um tanto forte, — porque os tecidos muito flexíveis estão um pouco postos de parte por pouco se prestarem aos *godets*.

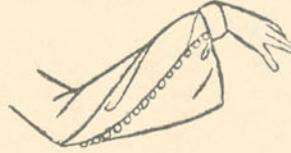
Os penteados, por muito extraordinário que isto pareça, visto predominarem os cabelos cortados, — são variados actualmente. Como muitas senhoras, fatigadas das cabeças à garçone, se decidem já a deixar crescer os cabelos, aparecem-nos ultimamente alguns penteados em que os cabelos são arranjados com habilidade e gosto de maneira a acomodarem-se na cabeça, — já um tanto crescidos, — sem todavia assumirem um aspecto sensivelmente diferente do que oferecem os cabelos cortados. Entre estas interessantes fantasias mencionaremos a que foi ultimamente apresentada por uma reputada actriz parisiense que declarou guerra aos cabelos cortados, — depois de ter deposto os seus aos pés dum cabeleireiro da moda, — e que consiste em apartar o cabelo ao meio da cabeça abrindo-o em *bandós*, dispendo a toda a volta da cabeça pequenos canudos que caem a par curvinhos e verticalmente. E assim consegue a inteligente e graciosa artista apresentar uma linda cabeça de criança enquanto os seus cabelos vão subtilmente crescendo sem reparos da estética ou da moda.



UTILIDADES

E

FUTILIDADES

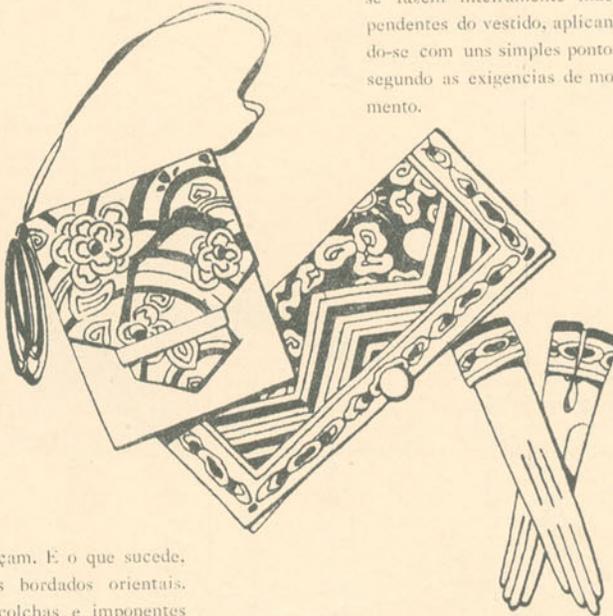


UMA futilidade, um *nada*, é suficiente para metamorfosear uma toilette, rejuvenescendo-a instantaneamente imprimindo-lhe, num momento, uma pincelada de graça e leveza. É o que sucede com a aplicação das golas e guarnições de decotes, de crepe da China, georgette,

ou mesmo organdi, que a moda actual tanto acarinha e que se fazem inteiramente independentes do vestido, aplicando-se com uns simples pontos segundo as exigências de momento.

privar a mulher daquele aprumo discreto, mas cuidadosamente cultivado, que marcava a suprema distinção do porte sem prejuizo da flexibilidade graciosa do corpo, passou de moda. Hoje o espartilho tornou-se novamente indispensável na toilette e por isso as modistas se empenharam em criar um modelo que, guardando as vantagens do condenado espartilho tão querido das nossas avós, as aliassem às exigências de comodidade e liberdade de movimentos imposta pela moda que impera.

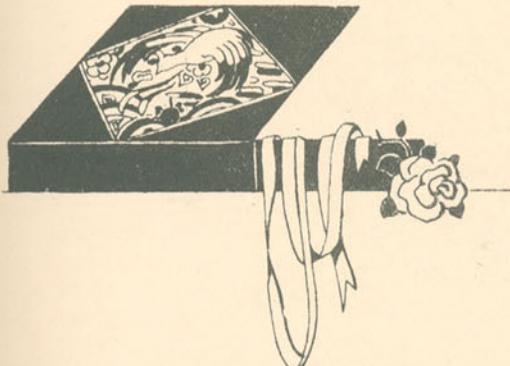
O gosto pelas manifestações da arte oriental levou a moda a tirar os mais inesperados efeitos de qualquer pequena coisa trabalhada por esses inimitáveis artistas que lá dos confins lendários e faustosos do Oriente nos enviam scentelhas da sua admirável paciência e originalidade traduzidas em trabalhos que nos enfeitiçam. É o que sucede, por exemplo, com os bordados orientais. Desde as sumptuosas colchas e imponentes *vameaux* decorativos às minúsculas chinelas, passando por toda a escala estonteadora das criações artísticas que nos vêm da Índia, da China e da Persia, são hoje avaramente aproveitados pela moda, que lhes encontra aplicações inesperadas mas sempre



encantadoras. E nem os pequenos retalhos que dessas adaptações nos ficam são perdidos. Vejamos, por exemplo, como com uns restos de bordados orientais aliados com cabedal de cor viva, veludo e seda, podemos compôr um lindo e original saco de mão, ou uma carteira, decorar uma caixa para fitas ou lenços, ou ainda fazer umas chinelas de quarto ultra-elegantes.

O abandono do busto, esse criminoso desleixo da atitude, um instante tomado como exteriorização de requintada elegância, que tanto contribuiu para

A mulher elegante voltou, pois, a usar espartilho, mas não já esse instrumento de tortura rígido e deformante, que lhe moldava o corpo humano numa fantasia inconcebível de protuberâncias e reintrâncias desconhecidas da anatomia. O espartilho moderno, contendo e corrigindo as formas do corpo numa linha harmoniosa, tem apenas algumas *barbas de baleia* na frente, uma larga *barba* de aço ao lado, e para cima, a acompanhar o busto, apenas um *corpo-cinta* de tecido elastico, que se segura nos ombros com umas fitas de seda.



O abandono do busto, esse criminoso desleixo da atitude, um instante tomado como exteriorização de requintada elegância, que tanto contribuiu para



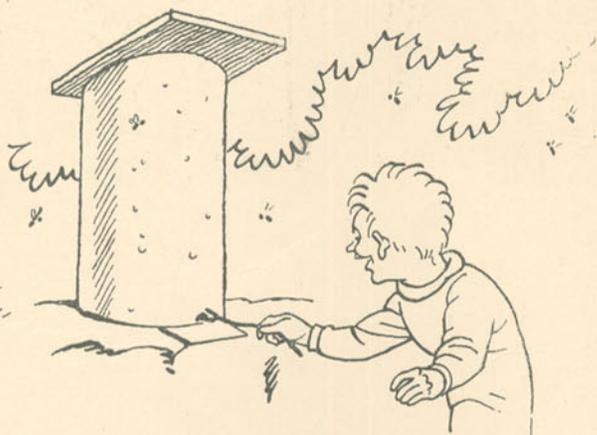
Página Infantil

As abelhas e João mandrião



I—As abelhas são insectos laboriosos, antes de despontar o sol
já elas andam por esses campos trabalhando.

II—João é um menino preguiçoso que só sai da cama
quando o sol vai alto.

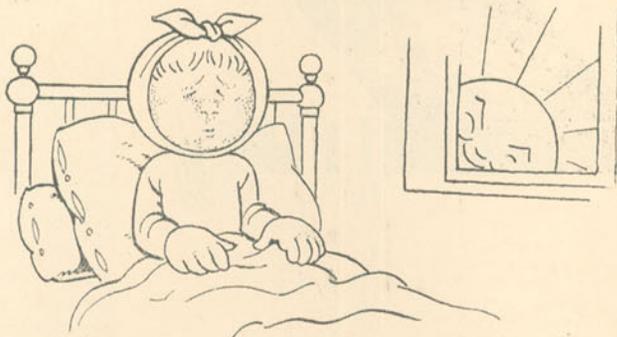


III—O seu maior prazer é de maltratar os animais
e fazer tôda a sorte de diabruras.

IV—Um dia lembrou-se de ir inquietar as abelhas
quando estas entravam e saíam da colmeia.



V—Mas os animaisinho vendo-se em perigo
perseguiram João crivando-o de ferroadas.



VI—João esteve muitos dias com a cara e as mãos inchadas
e desde então tratou de se emendar deixando de ser maldoso e mandrião.



O NOVO TEATRO DO GINÁSIO

Son os risonhos auspícios de Thalia se operou em Lisboa, este inverno, uma ressurreição, assim chamado por eufemismo, ao moderno e pomposo edifício que o esforço infatigável duma empresa fez desde os caboucos erguer, sobre as ruínas do antigo Ginásio Dramático, de saudosa memória.



A fachada do novo Teatro do Ginásio

A nova casa de espectáculos, traçada e construída sob os planos e direcção do architecto João Antunes, é toda em cimento-armado, consumiu toneladas inúmeras de ferro, constituindo uma obra ousada de engenharia, digna do maior apreço. E se é muito de discutir a formosura architectónica da fachada, o gosto artístico das decorações interiores, o critério estético do conjunto e dos detalhes, que presidiu à concepção do venerando edificio, não devem ser regateados louvores à preocupação acurada que dominou sempre os empreiteiros de prodigarem ao público das suas plateias facilidades de conforto, de higiene e de segurança a que não se está, entre nós, habituado em casas de espectáculos, excepção feita do airoso e recém-nado Tivoli.

Ao novo Ginásio—long life!

• • •

CARTAZ DA QUINZENA

Todo o Público tem sempre o Teatro que merece—eis uma verdade, limpida como a água, que nem sequer faremos a inteligência dos leitores a ofensa de demonstrar. Se o Público fôsse melhor, fatalmente que melhor também seria o Teatro, assim como se fôsse peor... Esta hipótese—dum Público peor—é que perturba devéras o problema, pois não con-

segue a imaginação do cronista visionar plateias mais incapazes de gosto e de inteligência, do que as plateias desta capital tristíssima.

Não sendo pois possível um Público inferior ao actual, impossível cremos também um peor Teatro. Entre as muitas obras representadas, em raras algum fulgor de talento rompe a iluminar e dignificar os tablados, o pouquissimo que há de bom passando incompreendido, o muito que há de mau eternizando-se, por vezes, aclamadissimo.

Companhias estrangeiras que todos os anos veem visitar—salvo honrosissimas excepções—longe de servirem de educação e incentivo, são no final de contas mais um elemento de desmoralisação artistica, tão profunda a miséria das peças que aqui nos trazem, tão cinico o descaro com que atraioam e falsificam alguma obra mestra que representam.

Não nos esqueceremos nunca da forma como, à nossa vista, entre o riso e as palmas duma multidão inconsciente, foi por franceses barbaramente assassinada no Trindade, uma autêntica obra-prima, a *Amoureuse* de Porto-Riche, nem daquela enfiada de tristes *Merés* que Mr. Brulé animatografou no S. Luis, por já nem sei quantas noites seguidas a que pôs como ponto final uma célebre *Dama das Camélias à garçonne*, toda feita em celulóide, com suas fiñas, à mistura, de Jaz-Band!

Mas para que falar de coisas tristes?

Que vai agora em S. Carlos, por Lucia Simões e Erico Braga, uma peça de Flers interessante, todos afirmam, e que no Ginásio Palmira Bastos, Gil Ferreira e seus pares estão sendo admiráveis. No Politeama, a Companhia Robles Monteiro continúa a fazer prodigios de bom gosto em scenários e *toilettes*, deixando que numa peça horripilante em que todos vão bem, Alexandre de Azevedo faça no último acto muito de bom e mui digno de ser visto, e a Senhora Rey-Collaço, maravilhosa de elegância, vestindo-se tão bem como representa—que é o mais que pode dizer-se—faça esquecer que Mr. Meré, autor da *Tentação*, merece a guilhotina.

E pensar a gente que o Paris que abriga este horripilante dramaturgo, é o mesmo que gerou a Modista de génio que desenha aqueles vestidos! Que eu desconfio que é a illustre actriz que os sabe assim sonhar e que Paris afinal só tem o mérito de lhe saber obedecer...

No Apolo...

Pois o Apolo é que, meus senhores, tomou agora o mais nobre logar entre os nossos teatros, mercê do que por lá está fazendo o actor Alves da Cunha:

Mal engendrada sobre o *Assomoir*,—aquele *Assomoir* que Renan dizia ter trezentas páginas a mais, o que me parece a melhor critica que conheço sobre Zola—a *Taberna* é, salvas suas

intenções de boa propaganda, uma tremendisima peça quasi inaturável, cujos cinco actos são todos a mais, sem a menor sombra de dúvida.

Sómente, um dêles, o penúltimo, dá pretexto para o já illustre Alves da Cunha mostrar suas poderosas qualidades fazendo por completo esquecer todo o tempo perdido a ver e ouvir o resto. É já mui raro ver representar assim. Com pequenissimas modificações na voz, um nada mais de detalhe, e seria uma verdadeira obra-prima de representação. Que estudando actor de propaganda Alves da Cunha nos daria, se encontrasse dramaturgos que quizessem pôr-se em contacto com o público admirável que frequenta o Apolo, decerto o melhor e mais respeitável público de Lisboa, creio que o único com cabeça e o coração no seu lugar! Que inteligente artista que é este homem ainda novo e já capaz dessas tão vigorosas coisas, e que admiráveis comícios seriam as suas representações, se lhe dessem matéria prima que prestasse, ante um auditório susceptível dos mais loucos entusiasmos, pronto sempre a derramar as mais sinceras lágrimas! Inteligência, máscara, voz formidável, tudo neste sr. Alves da Cunha concorre para o impelir às mais belas



Actor José Alves da Cunha

vitórias, e está a pedir a cada hora autor nacional que o saiba aproveitar. E demais, agora que Berta de Bivar é já um autêntico valor, e demais, agora que tem a seu lado a Adalina Abranches!

Vamos, porque esperam, senhores dramaturgos?

FREI CARLOS.



VIDA SCIENTÍFICA



A IDADE DOS REPTIS

A humanidade teve a idade da pedra, a do cobre, a do ferro. Por seu lado, a Terra, conforme os seres predominantes na sua fauna e na sua flora, atravessou idades várias. Agora, o homem é o rei da criação; mas houve tempo em que animais extremamente possantes, ou porque o homem não existisse ainda, ou porque não transpusera o fôssco que separa a animalidade da humanidade, eram, êles, os senhores do mundo.

Nos tempos secundários da idade da Terra, predominavam os reptis na sua fauna. Foi a idade dos reptis. Um dinosáurio, o *Brachiosaurus*, cujo esqueleto foi encontrado no terreno jurássico superior da África Oriental e da América do Norte, tinha tão avantajadas proporções, que a sua altura relativamente a do nosso elefante era como a de êste comparada com a de um homem em posição erecta. Tremendo animal! Nos membros anteriores, o comprimento do ôsso que desce da espádua ao joelho media 2^m, 10! Um longo colo como o da girafa permitia-lhe alçar a cabeça até 6 metros ou mais de altura!

As últimas escavações que permitiram reconstituir êsse mundo de reptis realizaram-se principalmente na África do Sul, na China e nos Estados Unidos da América. Encontram-se restos dessas espécies extintas em planícies de inundações ou em vales que foram submersos e que, durante a sua consolidação, foram submetidos à acção constante do vento.

O grande *Brachiosaurus* encontrou-se no distrito de Tendaguru, na região do Tanganika, em camadas de terreno que representam o fim do jurássico e o começo do cretáceo. Mas appareceu também na América, nas grandes plani-

cies do Colorado, do Wyoming e do Utah, o que faz supor a existência, nêsse periodo da vida da Terra, de um continente estabelecendo ligação entre a África e a América.

Em terrenos da Mongólia fizeram-se algumas interessantes descobertas. Verificou-se, por exemplo, que alguns dinosáurios punham ovos como as aves. A demonstração não pôde sofrer dúvida, visto ter-se encontrado no interior dum dêsses ovos um esqueleto de embrião dum reptil, o *Protoceratops Andrewski*.

São notáveis as diferenças entre os vários dinosáurios que os crâneos e esqueletos encontrados nas escavações tem permitido reconsti-

dêsses dinosáurios vestidos de cota como os guerreiros medievais é o *Palaconiscus*, representado na estampa conforme a reconstituição de Fulda.

Que estranho aspecto para nós deveriam ter as margens de lagôas e pântanos em que se agitassem êsses horrendos lagartos, do tamanho de hipópótamos!

Findou o reinado dos grandes dinosáurios, e êles desapareceram, mesmo, da face da Terra: Outras espécies de animais lhes herdaram o sceptro e tiveram, por fim, igual destino. O dominio do Mundo só se tornou effectivo na nossa espécie quando pudêmos servir-nos da força inteligente para contrapor à força bruta.

F. MIRA.

A PONTE SÔBRE A MANCHA

DE quando em quando os jornais aludem a obras grandiosas, que se poderiam chamar ridiculas utopias da engenharia, por impraticáveis e não merecerem sequer a discussão dos técnicos.

Está nêste caso a ponte sôbre o canal da Mancha, ligando a França à Inglaterra. Afóra a dificuldade de fazer pilares em fundos de 50 metros, em mar revolto e de corrente rápida, e que deveriam ter de altura mais de 60 metros acima das águas, para dar passagem aos navios de alta mastreação, qual seria o ousado capitão, que por tempo de borrasca, se atreveria a sulcar com o seu navio o mar da Mancha, sabendo que teria de passar entre os ilhéus que constituiriam os pilares da ponte?

Guardadas as devidas proporções, não é caso para meditar e conjecturar do que seria a ponte de Lisboa para Almada, sôbre a parte mais apertada do Rio Tejo?

JESS,



tuir. Uns são considerados carnívoros, outros tidos como herbívoros. O *Velociraptor*, reptil de pequena estatura, devia ter sido dotado de movimentos rápidos como os carnívoros que precisam de se. ágéis para caçar a presa. Alguns eram bípedes como as aves. Outros tinham cabeça de ave. E o *Psittacosaurus mongoliensis*, pequeno dinosáurio de 1^m, 30, tinha bico como os papagaios.

Em terrenos cretáceos da América do Norte encontraram-se crâneos de dinosáurios, com armas como as dos touros. E, tanto na América como em outras regiões, foram vulgares os reptis cobertos de armaduras dérmicas que lhes deviam constituir preciosa defesa. Um exemplar



(Cliché João Pavia de Magalhães)

RETRATO A ÓLEO DA EX.^{MA} SENHORA D. ELISA BAPTISTA DE SOUSA PEDROSO, UMA DAS ÚLTIMAS OBRAS
DO ILUSTRE PINTOR SOUSA LOPES

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

*(Continuação do n.º 2)**Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.*

— Ah! — há! há! — bem vos entendo — disse o estranho com um sorriso amargo. — Um homem tão sábio como êsse de que falais, também devia ter aprendido isso nos seus livros. E quem será — fazei favor de me dizer — o pai daquela criança, — que não terá mais, creio eu, que uns três ou quatro meses — que a senhora Prynne tem nos braços?

— Em verdade, amigo, isso é por ora um enigma; e o Daniel que o há de decifrar ainda não apareceu — respondeu o cidadão. — Madama Hester nega-se inteiramente a declarar quem é o pai da criança, e os juizes não teem conseguido descobri-lo. Porventura o culpado está aqui, assistindo a êste triste espectáculo, desconhecido a todos os homens e sem se lembrar que o vê Deus.

— O sábio — observou o estranho, com outro sorriso — é que deveria vir estudar êste mistério.

— Por certo que lhe compete, se ainda fôr dos vivos — retorquiu o cidadão. — Ora, bom senhor, os nossos juizes de Massachusetts, considerando que esta mulher é nova e bela e que sem dúvida foi tentada para que caísse, e que, além disso, como é mais de supor, seu marido estará talvez no fundo do mar, não ousaram aplicar-lhe o extremo rigor de nossa justa lei. A pena dêste crime é a morte. Mas, em sua grande misericórdia e brandura de coração, os juizes só condenaram a senhora Prynne a estar por espaço de três horas na plataforma do pelourinho, e então, e depois por todo o resto de sua natural vida, trazer no peito um sinal de infâmia.

— Sábia sentença! — observou o estranho, abaixando gravemente a cabeça. — Assim será ela um sermão vivo contra o pecado, até que a letra de infâmia seja gravada na lousa da sua sepultura. Pesa-me, contudo, que o companheiro da sua iniquidade ao menos não esteja ali ao lado dela no cadafalso. Mas há de ser descoberto! — há de ser descoberto! — há de ser descoberto!

Abaixou cortêsmente a cabeça ao cidadão que o informara, e, dizendo em voz baixa algumas palavras ao seu companheiro indio, ambos se afastaram, abrindo caminho por entre a multidão.

Emquanto isto se passara, Hester Prynne estivera no seu pedestal, sempre com o olhar fito na direcção do estranho — um olhar tão fito que, em certos momentos de absorção intensa,

todos os outros objectos do mundo visível se lhe afiguravam desaparecer, deixando-os só a êle e a ela. Tal encontro, a sós, teria sido talvez mais terrível para ela do que ali, com o sol quente do meio-dia a queimar-lhe as faces e a iluminar a sua vergonha; com o sinal encarnado da infâmia sôbre o peito; com a filha do pecado nos braços; com todo um povo, saído à rua como para uma festa, a fitar aquelas feições, que só deveriam ser vistas à luz tranqüila da lareira, na sombra feliz do teto conjugal, ou na igreja sob o véu de dona. Terrível como era a presença destas mil testemunhas, sentia Hester Prynne que era um abrigo para ela. Antes estar assim exposta, com tão grande multidão entre um e outro, que encontrar-se com êle a sós, frente a frente. Buscava asilo, por assim dizer, na exposição ao público, e temia o momento em que a protecção dêste lhe seria retirada. Presa dêstes pensamentos, quasi não ouviu uma voz por detrás dela, até que o seu nome foi repetido mais vezes, num tom alto e solene, que toda a multidão podia ouvir.

— Hester Prynne, escutai-me! — disse a voz. Já se observou que, exactamente por cima da plataforma em que estava Hester Prynne, havia uma espécie de varanda ou galeria aberta, que formava parte da Assembléa. Era êste o lugar donde se costumavam fazer as proclamações, estando ali reunidos os magistrados, com todo o ceremonial que naqueles dias revestia êsses actos públicos. Ali, a assistir à scena que descrevemos, estava sentado o próprio governador Bellingham, com quatro archeiros, de alabardas, à roda da cadeira, como guarda de honra. Tinha um pluma preta no chapéu, uma orla bordada na capa, e por baixa deste uma túnica de veludo prêto; era homem de idade avançada, com a dureza da experiência escrita nas rugas que lhe sulcavam o rosto. Não era mal escolhido para cabeça e representante duma comunidade que devia a sua origem e progresso, e o seu presente estado de desenvolvimento, não aos impulsos da juventude, mas às energias austeras e temperadas da virilidade e à sagacidade soturna da velhice, e que tanto conseguia, exactamente porque imaginava e esperava tão pouco. Às outras pessoas eminentes, que cercavam o principal governante, distinguia-as uma dignidade de porte própria duma época em que se sentia que as formas da autoridade possuíam o carácter sagrado de institui-

ções divinas. Eram, sem dúvida, homens bons, justos e sérios. Porém, de toda a família humana, não seria fácil escolher igual número de pessoas sérias e virtuosas que menos capazes fôsem de julgar o coração duma mulher pecadora e de desenredar o bem e o mal confundidos nêle, do que os homens prudentes de aspecto rígido para quem Hester Prynne acabara de voltar o rosto. Em verdade ela parecia sentir que toda a compaixão que poderia esperar, era no coração mais largo e afectuoso da multidão que a encontraria; porque, ao erguer os olhos para a varanda, a infeliz tornou-se pálida e estremeceu.

A voz que tinha chamado a sua atenção era a do venerando e célebre John Wilson, o padre mais velho de Boston, grande erudito, como maioria dos sacerdotes do seu tempo, e, sem em-



bargo, homem de indole afável e benévola. Êste último atributo, porém, tinha tido um desenvolvimento menos cuidado que os seus dotes intellectuais, e era para êle, a bem dizer, antes motivo de vergonha que de satisfação. Ali estava êle, com uma orla de cabelos grisalhos por baixo do barrete, fechando constantemente à plena luz do dia, como fazia a filha de Hester, os olhos cinzentos, acostumados à luz suave do gabinete de estudo. Parecia um daqueles retratos que se vêem no principio dos antigos livros de sermões,

e não tinha mais direito que o teria um desses retratos, de avançar, como agora fizera, e vir intrometer-se num caso de culpa, de paixão e de angústia humanas.

— Hester Prynne — disse o padre — tentei junto de meu jovem irmão que aqui está, a cujas pregaçãoes da Palavra Divina tivestes o privilégio de assistir — aqui o sr. Wilson pôs a mão no ombro dum homem novo e pálido que estava a seu lado — tentei, digo, persuadir este santo moço, a que, neste lugar, à face do Céu, perante estes sábios e justos governantes, e ao alcance dos ouvidos de todo o povo, vos mostrasse a vileza e negrura de vosso pecado. Conhecendo melhor que eu vossa índole natural, pudera ele ser melhor juiz dos argumentos a empregar, ou de ternura ou de terror, para que de vossa dureza e obstinação se pudesse conseguir que não ocultásseis o nome daquele que para tão triste queda vos tentou. Porém ele opõe-me — com a nimia compaixão de quem é moço, se bem que de mais siso que de anos — que fôra injúria à mesma natureza da mulher forçá-la a revelar os segredos do seu coração aqui a esta luz tão clara e na presença de tão grande ajuntamento. Em verdade, como eu me esforcei por convencê-lo, a vergonha está em cometer o pecado, e não em revelá-lo. Mais uma vez, irmão Dimmesdale, que me dizes? Serás tu, ou serei eu, o que terá de se dirigir à alma desta pobre pecadora?

Houve um murmúrio entre os majestosos e veneráveis ocupantes da varanda da Assembleia; e o Governador Bellingham deu-lhe expressão, falando com uma voz de autoridade, se bem que temperada de respeito pelo moço padre a quem se dirigia:

— Bom senhor Dimmesdale — disse — a responsabilidade da alma desta mulher está em grande parte em vossas mãos. A vós cabe, portanto, exortá-la ao arrependimento e à confissão, como prova e consequência d'ele.

Este apêlo directo atraíu os olhos de toda a multidão para o reverendo senhor Dimmesdale — um padre moço que tinha vindo duma das grandes universidades inglesas, trazendo às nossas florestas toda a erudição do seu tempo. A sua eloquência e fervor religioso já tinham dado promessa de que viria a ser muito eminente em sua profissão. A sua presença impressionava; a a frente era branca, alta e imponente; os olhos grandes, castanhos e melancólicos; a bôca, excepto quando à fôrça a comprimia, tendia a ser trêmula, e revelava no mancebo sensibilidade nervosa e ao mesmo tempo grande poder de se dominar. A pesar de seus grandes dotes naturais e de sua alta erudição, tinha o moço padre um aspecto — apreensivo, espantado, meio assustado — como o de um ente que se sentisse inteiramente perdido, e perplexo no caminho da vida humana, e que só pudesse estar à vontade numa solidão toda sua. Por isso, tanto quanto o o permitiam seus deveres, tomava por veredas escuras e sombrias, e assim se conservava sim-

ples e infantil, saindo do seu isolamento, quando era ocasião, com uma frescura, uma fragrância, uma ingénua pureza de pensamento, que, como muitos diziam, dava a impressão do falar de um anjo.

Este era o moço para quem o reverendo senhor Wilson e o Governador tão abertamente haviam chamado a atenção do público, pedindo-lhe que falasse, diante de todos os homens, àquele mistério de alma de mulher, tão sagrado mesmo depois de poluído. O constrangimento da sua posição fêz-lhe fugir o sangue da face e tornou-lhe os lábios trêmulos.

— Fala a essa mulher, irmão — disse o sr. Wilson. — É de importância para a sua alma, e portanto, como disse Sua Senhoria o Governador, de importância para a tua, a cujo cargo está a dela. Exorta-a a que diga a verdade!

O reverendo senhor Dimmesdale inclinou a cabeça, em silenciosa prece, ao que parecia, e depois adiantou-se.

— Hester Prynne, — disse elle, debruçando-se da varanda, e fitando-a demoradamente nos olhos — tu ouves o que diz este digno homem, e sabes qual é a responsabilidade que sobre mim pesa. Se tu sentes que esse acto é para a paz da tua alma, e que o teu castigo terreno com elle se tornará mais eficaz para a tua salvação; eu te exorto a que digas alto o nome do teu companheiro de pecado e de sofrimento! Não te cales por sentir por elle qualquer escusada piedade ou ternura; porque, Hester, podes crer-me, ainda que elle tivesse de descer de um lugar alto e ir colocar-se a teu lado, no teu pedestal de vergonha, melhor lhe fôra que esconder toda a vida um coração pecador. Que lhe pode fazer o teu silêncio, senão tentá-lo — obrigá-lo quasi — a juntar a hipocrisia ao pecado já cometido? Deute o Céu uma ignomínia manifesta, para que assim obtenhas triunfo manifesto sobre o mal que está em ti e a máguca que está por fora. Lembra-te de que lhe negas a elle — que não tem porventura coragem para tomá-la por sua mão — a taça amarga, mas salutar, que se apresenta agora a teus lábios!

A voz do jovem pastor era trêmulamente doce, rica, profunda e quebrada. O sentimento que tão patentemente revelava, mais que o sentido directo das palavras, fê-la vibrar em todos os corações, e uniu a todos quantos escutavam num acorde de simpatia. Até a criancinha que Hester tinha ao peito foi tocada pela mesma influência, pois dirigiu o olhar, até ali vago, para o sr. Dimmesdale, e ergueu os bracinhos com um murmúrio meio de contentamento, meio de queixa. Tão poderoso pareceu o apêlo do ministro que ninguém acreditou que Hester Prynne não fôsse dizer em voz alta o nome do culpado, ou que o próprio pecador, em qualquer lugar, alto ou baixo, onde estivesse, não fôsse arrastado por uma necessidade íntima e inevitável e compelido a subir ao cadafalso.

Hester sacudiu a cabeça.

— Mulher, não ultrapasses os limites da di-

vina misericórdia! — exclamou o reverendo senhor Wilson, mais ásperamente do que pouco antes. — Essa criança pequenina recebeu o dom de uma voz para secundar e confirmar o conselho que acabas de ouvir. Dize alto o nome! Isso, e o teu arrependimento, poderão bastar para arrancar de teu peito a letra encarnada.

— Nunca! — replicou Hester Prynne, olhando, não para o sr. Wilson, mas para os olhos profundos e perturbados do moço padre. — Fundo de mais está gravada a letra. Não a podereis arrancar. E tomara eu poder sofrer a angústia d'ele juntamente com a minha!

— Falaí, mulher! — disse outra voz, severa e fria, que partiu da multidão que rodeava o cadafalso. — Falaí, e dai um pai a essa criança!

— Não falarei, respondeu Hester, fazendo-se pálida como a morte, mas replicando a essa voz, que seguramente bem conhecia. — A minha filha não conhecerá pai d'este mundo: terá que buscar no Céu.

— Não quer falar! — murmurou o sr. Dimmesdale, que, debruçado na varanda, com a mão sobre o coração, ficara aguardando o resultado do seu apêlo. E afastou-se da varanda, tomando uma ampla respiração. — Maravilhosa fôrça e generosidade de um coração de mulher! Não quer falar!

Reparando no estado impraticável do espirito da pobre culpada, o padre velho, que cuidadosamente se preparara para a ocasião, dirigiu ao povo um discurso sobre o pecado, em todas as suas variedades, porém referindo-se continuamente à letra ignominiosa. Tão vigorosamente se deteve nas referências que fêz a este símbolo, durante a hora, ou mais, que seus períodos rolaram por sobre as cabeças da multidão, que elle assumiu na imaginação desta novos terrores, e lhe pareceu derivar a sua côr vermelha das próprias chamas do infernal abismo. Entretanto, Hester Prynne mantinha-se no seu lugar no pedestal de opróbrio, com olhos vitreos, e um ar de cansada indiferença. Tinha sofrido, naquela manhã, tudo quanto a natureza humana pode suportar; e como o seu temperamento não era daqueles que se eximem, pelo desmaio, a um sofrimento por demais intenso, seu espirito revestia-se, por único abrigo, de uma camada pêtrea de insensibilidade, ao passo que as faculdades da vida animal subsistiam integras. Neste estado, a voz do prégador trouxe impiedosa, mas inútilmente a seus ouvidos. Durante a última parte d'este supplicio, a criança rompeu muitas vezes em choros e gritos; procurava a mãe calmá-la mecânicamente, mas parecia quasi não sentir a sua inquietação. Com o mesmo duro porte a tornaram a levar para a cadeia, e pela porta chapeada de ferro desapareceu da vista do povo. Diziam em voz baixa os que a tinham espreitado ao entrar que a letra encarnada raiava de uma luz sangrenta o corredor sombrio.

(Continúa.)



Colónias Portuguesas



CAÇADAS COLONIAIS

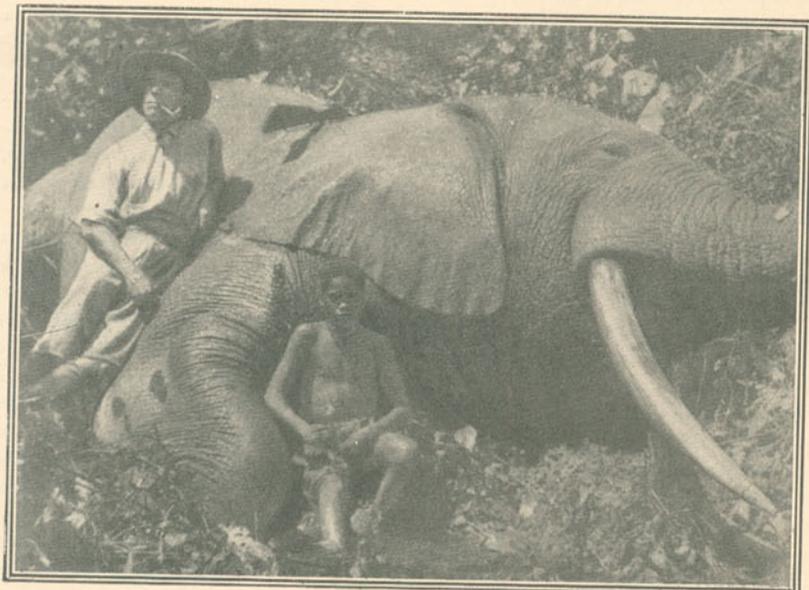
Só quem nunca matou caça grossa é que desconhece as maravilhosas sensações que esse desporto nos proporciona. Pois é exactamente nos trópicos, sobretudo nesses países vastíssimos e por vezes de grandes regiões pouco exploradas, que constituem as colónias, que é melhor se pode praticar. É mais um dos muitos atractivos que a vida colonial tem. Quem for caçador encontra sempre que caçar nas colónias, desde a perdiz ao elefante.

E se a caça da perdiz, que nalguns sítios de África quasi se deixa matar à paulada, não tem interesse de maior, há caças, como por exemplo a do búfalo ou a do elefante, que são extraordinárias de movimento e emoção.

É que muitos dos senhores desconhecem a verdadeira volúpia que se sente em face dum búfalo, dum elefante ou dum rinoceronte carregando a destilada sobre nós, tendo-se a convicção de que só a nossa destreza e sangue frio nos conseguirão livrar duma morte certa!

Muitas histórias interessantes de caçadas em África vos poderia contar, algumas das quais tão extraordinárias que muitos as julgariam inverosímeis. E quantas vezes, porque a arma se encravou, porque houve uma pequena tremura na mão, porque a presença de espirito momentaneamente abandonou o caçador, ele não é transformado numa massa informe por um rinoceronte ou búfalo furioso, esbarrachado pela tromba dum elefante ou fica com o crânio desfeito pela sapatada dum tigre ou leão?

Contudo os casos fatais são menos vulgares do que à primeira vista possa parecer, pois em geral quem se abalança a caçar feras tem aquela firmeza de ânimo que dá a serenidade, prudência e decisão, indispensáveis a quem se mete nestas empresas, que nem sempre tentarão os pusilânimes. Porque nisto de caçar feras, em que o prazer da caçada é infinitamente aumentado pela intensidade com que vibram todas as nossas faculdades e instintos de defeza em face



Um elefante morto pelo notável caçador sr. João Teixeira de Vasconcelos, cujo livro «Memórias de um caçador de elefantes», prefaciado pelo illustre homem de letras, sr. Raul Brandão, se lê sempre com intenso e emocionante prazer.

do perigo de morte eminente, muitas vezes se tem que resolver num segundo todo um delicado problema, de súbito pôsto em equação e cuja incógnita é a nossa vida...

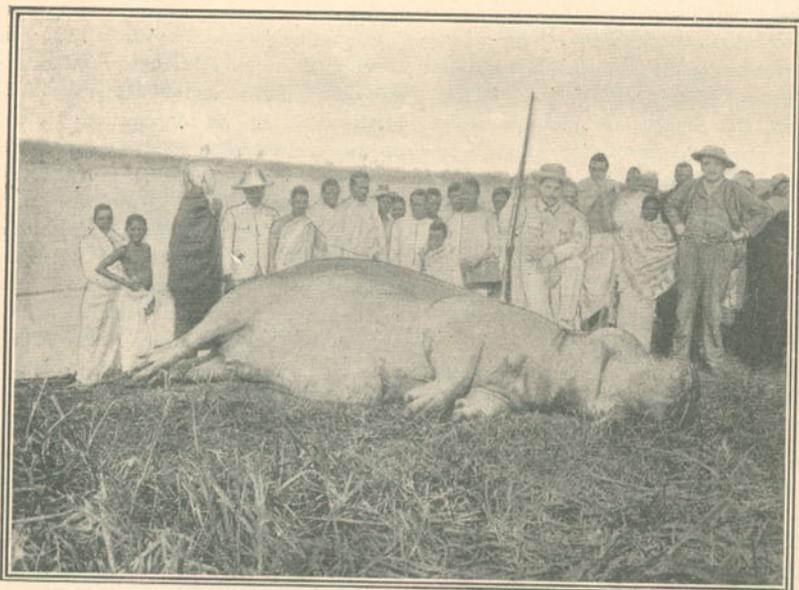
Não basta ser bom atirador e ter a certeza de que a 100 metros se mete uma bala expansiva no garrote ou entre os olhos dum búfalo à destilada, ou num olho dum elefante que, de tromba erguida, farea o caçador oculto ou a galope se

precipita sobre o sítio donde partiu um primeiro tiro; é preciso ter-se a certeza e confiança em si próprio para se saber o que há a fazer, se atrás do primeiro búfalo ou elefante abatido aparecem outros, sedentos de vingança, ou em muitos casos semelhantes, que no limitado âmbito desta crónica vos não posso contar.

Mas, como já mostrei, não é só caça perigosa que nas colónias se encontra. E se a caça feroz tem grandes encantos, singulares e estranhas sensações para certos temperamentos varonis, sendo a que melhor se junta às grandes explorações e viagens de semanas e meses por vastos e desenvolvidos matagais ou maravilhosas florestas, com todos os atractivos da grande vida em contacto com a natureza selvagem, ha inúmeros géneros de caça cheios de interesse e sem qualquer especie de perigo.

A perdiz, o pombo bravo e a lebre de carne saborosa e perfumada, as nigretes e tantas outras aves de ricas plumagens, os macacos, por vezes de peles preciosas, como o macaco fidalgo, de pelo comprido, os elefantes e rapidas gazelas de carne secca mas saborosa, os sinsins, as palancas, os cabres de mato, inhacoso, etc., são outros tantos motivos para animadíssimas caçadas coloniais.

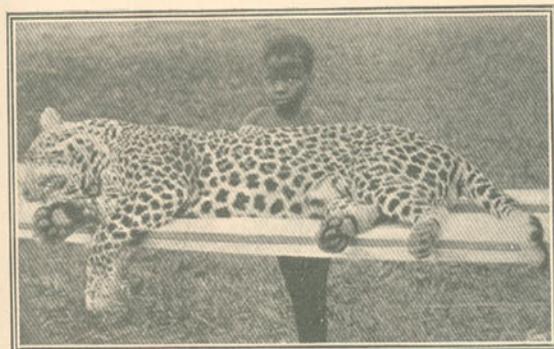
Quantas vezes, por exemplo na Guiné, como em Angola ou Moçambique, depois de jantar, pela noite morna e calma, se pega na espingarda e se vai caçar lebres, de automóvel, pelas magnificas estradas que nas colónias se encontram, em dezenas de milhar de quilómetros e que tanta inveja podem causar aos inacreditáveis «caminhos» metropolitanos. As lebres ofuscadas pelos faróis do automóvel, depois de correrem um bocado, param viradas para a luz, de grandes orelhas espetadas e olhos muito abertos, até que uma chumbada certa lhes termina a vida em pleno deslumbramento luminoso e no dia seguinte as faz aparecer transformadas em apetitosas almondegas à mesa do almoço...



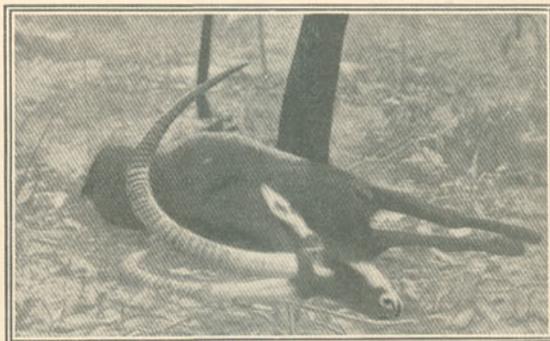
ANGOLA-CAZENGO. — Um hipopótamo morto na praia do Bom Jesus.



A MORTE DUM LEÃO.—Na caçada do belo exemplar que nesta fotografia se admira, e que foi morto em Angola, no distrito de Benguela, deram-se factos interessantes e por isso mesmo muito dignos de registo. A par dum enorme sangue frio e inconsciência do perigo do engenheiro Sr. Guilherme Machado, houve a nota pitoresca provocada por um fotógrafo de Benguela, que à viva força queria «tirar o retrato» ao leão moribundo. E era de ver o artista na ânsia de obter um cliché impressionante, correndo daqui para ali, sempre de máquina assestada, na esperança de que o leão compreendesse as fortes razões artísticas que o forçavam a saltitar e que por-fim... pousasse. Parece, o que não está bem averiguado por motivos fáceis de compreender, que o leão não estava bem disposto e tanto que, num dado momento, entendeu que uma «festinha» sua seria talvez deliciosa para o fotógrafo. Se o pensou, mais facilmente o realizou e, formando um salto, ainda hoje, e já lá vai bastante tempo, o fotógrafo estaria galgando ares e ventos, perseguido pelo leão, se este não tivesse sido prostrado, mortalmente ferido, por uma bala abençoada do engenheiro sr. Guilherme Machado



ANGOLA — QUILENGUES. — Um pretinho dando uma prova de indômita audácia, conservando-se serenamente e sem «empalidecer» junto dum tigre... morto



ANGOLA — BONJI. — Uma palanca que foi caçada perto do Quanze e da catarata do Longôé



Nos territórios da Companhia de Moçambique — Na fotografia da esquerda vêem-se da direita para a esquerda os seguintes caçadores: srs. Dr. Pedro José da Cunha, Dr. Ruy Ulrich, General Massano de Amorim, D. Geneveva Mayer Ulrich, Tenente Portugal, Carneiro de Moura e Bandeira de Lima. Na da direita vê-se a sr.^a D. Geneveva Mayer Ulrich tendo aos pés um inhacoso acabado de caçar

F I T A D A M A D E I R A

10 de junho 1924.

AINDA de noite, acordo com cheiro a terra. Salto do beliche e subo ao convés que os marujos lavam a jactos de água. Tenho diante de mim dois mórros espessos, um mais próximo, recortando o negrume no céu dourado e o outro ao fundo todo rôxo e picado de lusinhas, como se lhe tivessem soprado fálhas que reluzem. A primeira luz ilumina a sêda leve e cinzenta da água, e, à medida que o vapor desfila na base do macisso disforme, desdobram-se os planos e aparece intacto o maravilhoso pano do fundo. Um hálito azul... mais claridade estremecendo — esta primeira luz delicada, quando acorda a terra e acorda o mar fitando-nos, com o céu todo dourado e virgem para as bandas do nascente. A frescura que nos trespassa torna-nos também etéreos. Para acolá está tudo ainda confundido, o mórro maior e mais negro, e ao pé de mim cinzento e azul. Misturam-se no mar reflexos e espumas, e no fundo, donde o vapor saiu, ainda a luz do sol irisada nas águas se mistura com névoa e com um pouco de fumo da máquina que ficou suspenso no ar. A um momento único, a um momento dourado, mar e céu dourado e casto, sucede-se outro pálido e cinzento. E há um momento em que desejo que isto não mexa mais... Fundeamos e a Madeira abre-nos os braços, com a ponta do Garajá num extremo e a ponta da Cruz no outro extremo. Adivinho as casas que por ora são fantasmas e descem lá de alto até à praia. Agora o tom cinzento desaparece, domina o azul e na minha frente o grande anfiteatro dos montes verdes ergue-se como um altar até ao céu. É uma serra a pique, é uma serra voluptuosa e verde, que se oferece languida e verde. Ao meio um grande monte entre-aberto; por trás a montanha escavada.

Fico todo o dia a bordo deslumbrado, contemplando a Madeira, a embeber-me no espectáculo da luz que passa do cinzento ao azul, que apanha todos os tons e se modifica a todos os momentos, até ao fim da tarde em que o mar se torna diáfano e os montes ficam estarecidos, com uma grande nuvem pousada em cima. Vejo perder a cor, desfalecer, sumir-se a terra, que no escuro cheira cada vez mais a fruta e me inebria. Já o primeiro plano está rôxo, o segundo é uma mancha enorme indecisa, e o mar no poente arfa como um seio, ainda iluminado.

De manhã acordo em terra. Abro a janela e entra-me pela janela dentro o cheiro a fruta madura. Corro tudo no primeiro momento — as vielas animadas, as ruas calçadas de seixos encebados, onde deslham carros de bois sem rodas pintados de amarelo, com toldos frescos e cortinas de ramagem apartadas ao meio. Olho para as casas brancas e amarelas, de beirais caiados de vermelho e gelosias pintadas de verde que dão ao Funchal um carácter familiar e íntimo. Tudo me surpreende: o calor, a luz forte, o jardim com fetos, um grande jacarandá de flores róxas e arbustos penetrados de satisfação, que na imobilidade e no silêncio vão des-

folhando sôbre a terra um charco rubro de sangue. Uma gota de água cai ali para o fundo sôbre outra água imobilizada e podre. O ar é um perfume gordo. Sento-me sob os grandes plátanos que nos recebem ao desembarcar do pôrto — mancha impenetrável e deliciosa. Subo: um largo irregular e depois a igreja, grande cofre de sândalo com dourados e incrustações de madreperla. Lá dentro cheira a incenso e a madeira preciosa; cá fora, por cima dos telhados descobre-se a carcassa denegrida da serra. Vou ao mercado — o mercado atrai-me: pequenino, com duas ou três árvores e uma fonte, todo êle trasborda de fruta como um cesto cheio — cachos de bananas amarelas, alcôfas de vindima a deitar fora, damascos, figos pretos sumarentos e entreabertos destilando sumo. Toda a fruta aqui

que a Inglaterra agora fabrica e exporta para todo o mundo. A vista falha e perturba-se, o cheiro entontece...

Reembarco. A medida que o vapor se afasta a montanha que me atrai, parece mais negra e maior: sobe, ergue-se e chega ao céu... Vamos rentes à costa da ilha.

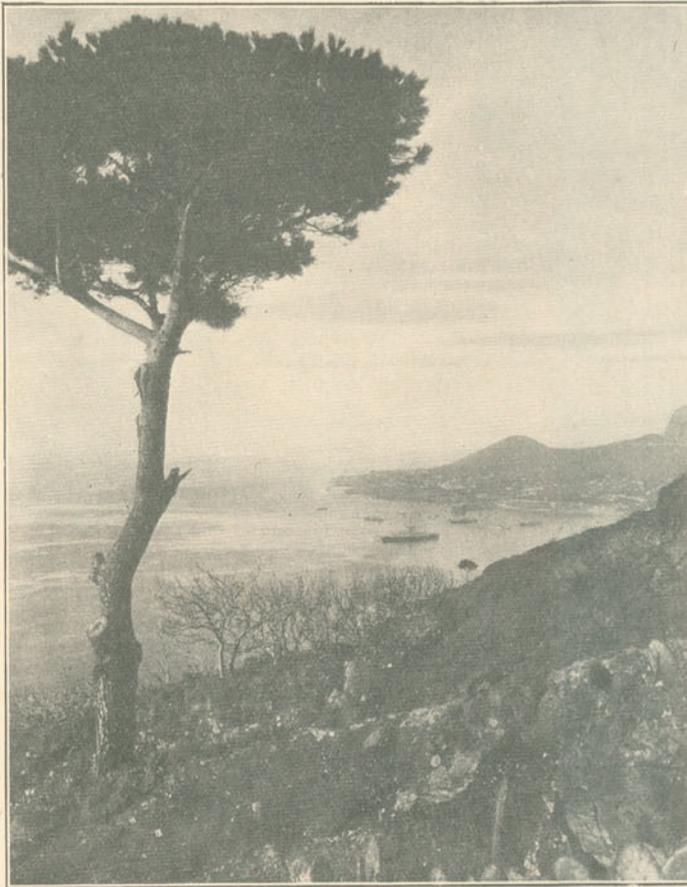
Ao fim da tarde começou a erguer-se diante de mim uma coisa azulada e indistinta com uma grande nuvem cinzenta acachapada em cima. O sol que bate nos altos ilumina o cone dum monte e esguicha raios de entre névoas sôbre a extremidade dum mórro quasi negro. Já se distinguem as nodosidades disformes da terra e paredes envoltos em fumaça, que entra em rôlos pelas fendas abertas, destacam-se com majestade do horizonte plumbeo. Acentua-se a dureza, as chapadas, as ravinas, os cortes perpendiculares e cor de ferro, adivinha-se o drama que deve ter tido este parto, cheio de convulsões e de desmoronamentos, quando o grande cataclismo dilacerou e desmembrou o continente submerso, deixando à mostra neste resto feridas que ainda hoje sangram. E nos bocados de cisco que por acaso caíram e alastraram à beira mar, agarraram-se meia dúzia de casinhas, que teem por pano do fundo esta massa espessa erguida pelo lado de trás. Seis horas: — tudo isto avança e se impõe em rôxo, com risceio verdes de culturas e cumes doirados de montanhas.

E a costa desfila cada vez mais violenta e mais negra. Mete medo. Mal se distinguem as florestas nos altos enevoados e os vales profundos por onde a água no inverno deve cair em torrentes. O navio segue encostado à falésia, que dêste lado da ilha não tem fundo, mostrando-nos a Madeira cortada por um machado que a abriu de lez a lez, atirando com a outra parte para o fundo do mar. É um bronze severo e trágico que contrasta com a entrada do Funchal e a outra costa da ilha. Só o homem! Só o homem é que se atreve a cultivar supercalcos abertos a fogo na perpendicularidade da falésia! (Vamos tão perto da terra que ouço os galos cantar). Desfilam Madalena do Mar esmagada entre dois mórros que se reflectem em negro no veludo da água — Ponta do Sol e Cabo Girão, que a noite torna mais es-

peso e maior: todo este panorama na cinza do crepúsculo, recortado em negro num céu côr de chumbo, transformado pelas nuvens que baixam ainda mais, e desdobrando-se em sucessivos recortes sôbre a tinta parada das águas, assume porções extraordinárias. Já mal distingo a terra. A cada momento que passa mais alto e mais escuro se me afigura o paredão que nos intercepta o mundo. Só há uma vaga claridade para o lado do mar; o resto é negrume alcantilado e monstruoso. Uma luzinha se acende na imensa solidão e na mancha cada vez mais opaca. É o homem subvertido, duas vezes isolado entre a montanha e o mar — é uma alma. E essa pequenina luz humilde, chega a sêr para mim extraordinária de grandeza: é uma estrela que me faz scismar.

(Das Ilhas Desconhecidas.)

RAUL BRANDÃO.





CINEMATOGRAFIA

HUGUETTE DUFFLOS, societária da Comédia Francesa, uma das mais lindas atrizes de Paris, é também a «rainha do cinema francês». Efectivamente, na época fértil que se seguiu ao profundo marasmo da cinegrafia francesa durante a guerra, época que conduziu ao renascimento esperado e desejado pelos cineastas latinos, foi Huguette Dufflos, idealmente fotogénica, elegante, cheia de «raça» que teve a glória de ser «estrela» em todos ou quasi todos os grandes filmes.

Com Diamant-Berger, com Gance, com Jacques Feyder, «a rainha do cinema francês» subiu os degraus do trono. Depois, *Königsmark*, tornou-a conhecida e admirada alem-Atlântico. «La princesse aux clowns» de André Hugon, será o seu «canto do cysne»? A glória é tão efêmera no *écran*, simbolo da máxima diversidade e do máximo movimento!..

■ ■ ■

As organizações americanas, poderosas de capital e ávidas de expansão e hegemonia, teem absorvido quasi todos os grandes valores não americanos, em matéria de artistas e técnicos. Façamos a resenha.

Enscenadores: Ernest Von Lübitsch, Eric Von Stroheim, W. J. Murnau, Fritz Lang, alemães; Dimitri Buchowetzki e Michäel Talmar,

russos; Victor Sjöstrom e Sweden Gade, dinamarqueses; Henri Diamant-Berger, Léonce Perret, René Plaissety, Paul Capellani, Maurice Tourneur, franceses, Henri King, David Smith, Reginald Barker, ingleses e Xavier Machado, portugueses.

Artistas: Charlie Chaplin (Charlot), Matheson Lang, Adequi Millar, Hope Hampton, ingleses; Adolphe Menjou, Arlette Marchall, Pierre de Ramey, Charles de Rochefort, Louis Vonelly, franceses; Pola Negri, polaca, Greta Nissen, Victor Sjöstrom-dinamarqueses, Von Stroheim, Rudolph Cristians, alemães; Antonio Moreno, Pedro de Cordoba, espanhóis; Ramon Navarro e Rudolph Valentino, argentinos.

Nesta breve lista, faltam artistas secundários que se encontram aos centos e de tôdas as nacionalidades.

■ ■ ■

Os grandes sucessos actuais de Paris, são as comédias «Paris en 5 jours» com Nicolas Rimsky e «Knock» de Jules Romain, enscenado por René Hervil. Dêste filme,



Huguette Dufflos, a rainha do cinema francês

dizem os criticos que representa uma verdadeira evolução no cinema mundial. A deliciosa comédia de Jules Romain, foi representada entre nós, no Teatro Novo.

■ ■ ■

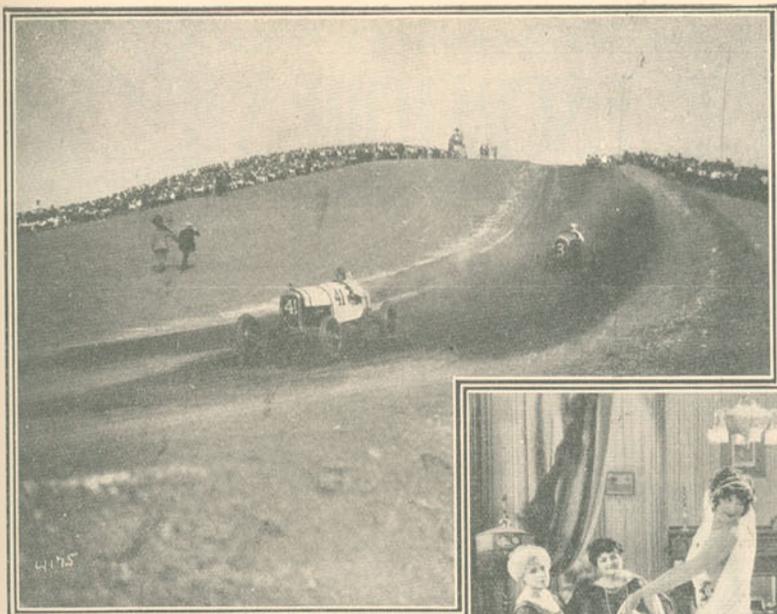
A obra de Victor Hugo, «L'Homme qui rit» que devia ser filmada pela Universal com Ernest Torrence ou Lon Chaney no protagonista, foi por esta casa cedida à «Societé Generale des Films» para ser realizada por Raymond Bernard, o enscenador do «Miracle des Loups». As mais recentes noticias dizem que esta última casa pagou a todos os contratados o seu contracto para êste filme e... desistiu da filmagem.

■ ■ ■

O lindo filme de Henri Roussel, «Destinée», com Isabelita Ruiz na protagonista, foi, por determinação de Aristide Briand, exibido numa sala do Ministério da Instrução, para os membros do corpo diplomático acreditado em França.



Um «interior» cheio de encanto e elegância em «La Flamme» de Carlos Meré, edição de Aubert



220 quilômetros á hora, eis a velocidade atingida por John Gilbert em «The Race» para a Universal



Um casamento alegre... em celuloide. Betty Fries, no seu último film para a Universal, casa... doze vezes

EM Italia, só uma manufactura trabalha actualmente. É a «Pittaluga Film» de Turim, que edita seguidamente varios filmes com Bartolomé Pagano (Maciste). ■ ■ ■

LUIGI PIRANDELLO, encenado por Marcel L'Herbier, o revolucionario de «L'inhumaine» e interpretados pelo genio histriónico de Ivan Mousjoukine, não será a mais bela combinação da cinematografia europeia? Pois foi o que conseguiu a *Societé des films Albatros* na pelicula «Feu Mathias Pascal», argumento escrito expresso pelo mestre incontestado da «Volupia da Honra».



Miss Joan Crawford, dos elencos da Metro é uma estrela desportiva que surpreende pelo talento e encanta pela sua escultural plasticidade



Miss Bennett, irmã de Constance Bennett é uma debutante que promete visto possuir talento e beleza que farte. Trabalha para Metro-Goldwyn



LIVROS E ESCRITORES



O *Caminho do Céu*, obra póstuma de Junqueiro, deve em rigor ser olhada mais como documento psicológico do que como produto de arte literária. No largo preâmbulo que, no tom luminoso que afidalgua a sua pena, João Grave introduziu no volume, este escritor, da privença do insigne poeta da *Pátria* e confidente das suas aspirações derradeiras, disse mesmo nos adverte, convertendo a sua informação num bem estimável escôro crítico da individualidade que maior vulto projectou na poesia portuguesa contemporânea.

De urdidura não recente, o que refuta os que levaram o religiosismo de Guerra Junqueiro à conta de sintoma de senectude, *O Caminho do Céu* estava destinado a completar a idéa dos *Simplex*. A sua enformação em versos que, no ritmo e no fulgor das imagens, se irmanassem com os que nos poemas anteriores prodigalizara, — impediram-na, porém, já a campanha política em que o poeta queimou alguns anos da sua vida, já a função diplomática por êle exercida, nos inícios do regime actual, na República Helvética. Quando, liberto dessas preocupações, se resolveu, em-fim, a vaziar em estrofes a sua nova concepção dos destinos humanos, era já tarde em demasia para que a sua inspiração erguesse a vivaz e acalentadora chama dos idos tempos. Afastara-se do seu estro a hora ignea do meio-dia e um clarão vespertino era agora apenas o que acudia a iluminar o seu verbo, outrora arrebatado no lirismo e coriscante no sarcasmo. E até a rima, voluptuosa amante dos poetas, fazia já negações ao seu chamamento de valetudinário. Adivinha-se a formidável tragédia destas suas horas de trabalho, ao sentir-se na posse do que supunha a verdade suprema e ao verificar, simultaneamente, que, para a revelar, o seu poder artístico estava pouco menos que emudecido!

Mas, teimando em concretizar a sua crença em Deus, atingida pelo infinito amor e pela máxima dor, traçou ainda estas páginas, não ermas, todavia, de notas de beleza e que aparecem como o esboço dum belo poema que se frustou, sonhado com místico entusiasmo quando o poeta sentiu nascerem-lhe «uns olhos de luz infinita,



Aquilino Ribeiro

uns olhos abertos no meu coração!...» Mas nem ao menos a morte deixou que êsse esboço pormenorizado atingisse o seu termo: apenas sintetizada em fugidias linhas a segunda parte do poema, um sôpro gélido a agou de todo o já mortuô lume que ardia, lento, na lareira da sua poesia.

Não se desdenhe, com-tudo, dêste imperfeito legado do seu gênio. Ele vale pelo que desvenda da atitude da alma de Junqueiro perante o problema religioso. Este seu significado auto-biográfico — a figura do Peregrino, como João Grave accentua no seu inteligente e sentido estudo, encerra o retrato espiritual do poeta — indenniza-nos à justa da sua notória inferioridade estetica.

No enalço da nova estampa das *Filhas de Babilônia*, cujo conteúdo se reduziu às novelas *Os olhos deslumbrados* e *Maga*, ambas com páginas encantadoras que exalam um forte odor pagão e onde também desta feita andou afanoso o burl do artista, que a açacular-lhe o estilo, que a mandar-lhe as passagens de mais desnudada malícia, isto para sossego da critica que por tal o beliscara quando da edição primitiva, — Aquilino Ribeiro vê neste momento reeditada *A via sinuosa*, romance que decididamente lhe entregou o comando da coorte dos nossos modernos prosadores.

Mas, exactamente como sucedera com as *Filhas de Babilônia*, o texto dêste livro ostenta consideráveis alterações. A tortura do autor, irmã da que enchia as vigílias de Eça, de Fialho, de Flaubert e doutros grandes artistas, operou aqui tantas emendas, no sentido da sua perfeição, que quem possua a obra na estampa antiga deve julgar-se apenas na posse do seu rascunho, hoje pouco menos que repudiado *in limine* pelo autor.

Lavradas numa linguagem viva, original, desarticulada, estas páginas desenvolvem um entrêcho que põe Aquilino Ribeiro bem acima da estreita classificação de escritor regionalista que, aliás com lisonjeiro intuito, lhe tem sido aposto. O Libório dêste romance, embora se mova num cenário beirão, pintado com fres-



Antônio Sérgio

cura castiça de côres, e no meio doutras figuras de típica rusticidade daquela provincia onde o artista nasceu e donde, flagrantes, as rptou para os seus livros, excede muito a craveira dum vulto aldeão apenas curioso e desenhado com sugestivo vigor de linhas. Nêle há o que se seja de representativo do estado do espirito colectivo português na época decorrente, desde que, preparando a queda da monarquia, as idéas liberais começaram de aluir a doutrina tradicionalista. Libório adolescente, emancipando-se a pouco e pouco da sua educação mística e pondo-se à escuta das vozes belldes que lhe penetravam o íntimo e o alvoro-

cavam, è, pois, um simbolo, que na *Via Sinuosa* não obteve senão o estudo da sua primeira fase e a que o próprio autor, em nota final, deixa entrever seqüência.

E, ao lado dêste inesquecível vulto, quantos outros que são produto duma observação sagaz e dum talento carinhoso! O padre Ambrósio, por exemplo, e, sobretudo, Celdônia, aquela mocinha de tão bela e casta humildade que ficou para sempre na nossa lembrança como uma imagem arrancada por Aquilino a um ingênuo retábulo.

A uma época de escassa literatura para crianças succedeu outra, que è a nossa, em que essa especial e bem difficil literatura abunda. Não haverá, porém, aqui algum joio de mistura com o trigo?

A coleção de volumes infantis, *Histórias e Historietas*, do sr. Antônio Sérgio há cousa de um ano fundou e em que trouxe logo a lume um livro seu, *Na terra e no Mar*, e também o delicioso *Romance da Raposa*, de Aquilino Ribeiro, no último Natal ampliou-se com duas obras novas, que são os *Contos Gregos e Bonecos Falantes*, o primeiro firmado pelo presente director da mimosa biblioteca e o segundo da autoria de Carlos Selvagem, que nas suas páginas nos surpreendeu com inédita e bem simpática faceta do seu temperamento literário.

Sem receio de constestação, êstes livros, duma invulgar perfeição gráfica, em tipo que não faz miopias e tendo o texto alindado com aquilo que para a criança vale mais do que tudo, isto è, a imagem colorida, porque os olhos são os escoteiros do cérebro, devem ser collocados à cabeça do que melhor no gênero tem saído em lingua portuguesa.

Já a divisão da biblioteca em séries A, B e C, conforme as idades infantis; graduando o interesse das leituras, evidencia o alto critério pedagógico a que ela se subordina. E quando se lê qualquer dos seus tomos, ou melhor, quando se entrega qualquer dêles a uma criança, que è neste assunto o critico mais imparcial e competente, logo se verifica o seu poder de captar as inteligências alvorecentes e a boa semente edu-



D. João de Castro

cativa que, a par do recreio, êsses trechos lhes vão inculcando.

O volume do sr. Antônio Sérgio, que foi à mitologia helênica buscar os seus três motivos, põe os espiritos infantis em contacto com exemplos de são heroismo. Ilustrou-o, com inteira compreensão da sua indole, D. Raquel Gameiro.

Nos *Bonecos Falantes*, cujas ilustrações, também muito felizes, são de D. Mamiá Roque Gameiro, os contos ameadados são quatro. *A história dos três corcundas*, pelo menos, marca mestria nesta espécie de literatura a Carlos Selvagem.

Mais um romance de D. João de Castro: *O Canto da Seréia*. Deve bastar dizer assim para que os amadores de romances se convençam de que têm a contar neste com uma obra de subido apreço, tão firmes são os créditos que nas letras portuguesas alcançou desde há muito o autor dos *Malditos*, da *Redenção*, da *Morte de Homem* e doutros livros a que o êxito não foi esquivo.

Se há romancistas que entre nós satisfaçam por inteiro à exigência de objectividade do rea-

com sacrifício de todos os escrúpulos de honra que num pai deveriam sobrepor-se a tudo, a beata morgada, Cristóvão e a pimpante Rosa Chitas, a mão do romancista também não sofreu descuido. Tudo aquilo é verdadeiro. Quando, por exemplo, ferindo o nosso idealismo a respeito da vida rústica, as almas se revelam menos puras, o autor mantém-se alheio a essa baixaze de nível espiritual. Viu: retratou fielmente.

O seu estilo, com a sobriedade e o equilíbrio, o justo colorido e a nitidez que apenas residem nas penas consagradas, constitui também outro grato atractivo destas vigorosas trezentas páginas de prosa.

Com este grosso volume, editado no Brasil, publicou D. João de Castro uma pequena novela, *O Jogo da Morte*, numa colecção portuense. O

de um verdadeiro culto, Paulo de Brito Aranha passou triunfante, entre palmas e louvores. Tão vigorosa manifestação de eloquência registou-a, nos seus trechos capitais e com especial carinho, a imprensa brasileira e isto permitiu que o moço orador, *double* de brilhante cronista teatral, pudesse agora reconstituir e fixar grande parte desses discursos num volume que denominou *Portugal-Brasil* e a que deu o sub-título não menos feliz e certo de *Orações de Fé*.

Como diz Manuel de Sousa Pinto no prefácio do livro, perde sempre muito, através da simples leitura, o que nasceu para a dicção vibrante e sentida do orador. Estes discursos não falham, portanto, à regra; mas, de tal modo lhes imprimiu calor e significado emotivo a alma de Brito Aranha, que, mesmo assim, nos conseguimos arrebatados. Hinos à estirpe a que to-

«MEMÓRIAS DA VIDA DIPLOMÁTICA»

por ALBERTO DE OLIVEIRA

Convidado a emitir a sua autorizada opinião de crítico sobre o recente livro do brilhante escritor dos *Pombos Correios*, o sr. dr. Agostinho de Campos exarou-a nos seguintes períodos:



CERTO que este abundante volume das *Memórias da Vida Diplomática* se pode recomendar com honestíssima segurança aos políticos estudiosos (sem paradoxo), aos estudiosos não políticos, a todos quantos se deleitam na história literariamente apresentada, aos simples apreciadores de literatura, para não falar, é claro, dos diplomatas dignos de tal nome.

É um livro bem escrito e civicamente vivido, que, emparelhado ao precedente volume do mesmo autor *Na outra Banda de Portugal* (onde encontramos exposta a acção de Alberto de Oliveira como Consul Geral no Brasil) nos convence de que aquele que o escreveu pertence à nobre categoria de funcionários que criam a função, ou a renovam, vivificam e alargam.

Ai vemos Alberto d'Oliveira colaborar, sob a presidência do marquês de Soveral, no triunfo sem precedentes que o nosso país obteve na conferência da Haia, em 1907. E as cem belas páginas consagradas a tão belo assunto ficarão para sempre inseparáveis da nossa história diplomática e da biografia de um dos maiores diplomatas de Portugal.

A segunda parte do livro (*Algumas Vistas da Suíça*) é a mais literária de todas e altamente instrutiva também como sugestão pedagógica ou cívica e ensinamento diplomático, porque nos mostra quanto o plenipotenciário soube assimilar proficuamente a psicologia daquele país democrático, procurar e obter contacto íntimo com os seus governos e grandes homens, alcançar simpatia e prestígio para Portugal, ao mesmo tempo que se esforçava por fazer aproveitar à nossa gente, à nossa administração e à nossa política, as lições de civismo, bom-senso e equilíbrio colectivo ali colhidas. São páginas verdadeiramente *vistas*, todas

essas, escritas em permanente palpitação com a realidade, e não apenas lidas ou conjecturadas.

Portugal na América Ibérica constitui a terceira e última parte do livro, tão ensinadora e interessante como as duas anteriores. Destacam-se os capítulos consagrados às festas do Chile em honra de Fernão de Magalhães, onde se vê como o diplomata se elevou ao nível histórico da comemoração e fez repercutir altamente o nome do seu país; as páginas referentes ao centenário de Figueiredo, quasi-revelação de uma data e de um facto que tanto honram Portugal; a acção exercida por Alberto d'Oliveira para estabelecer contacto das letras e artes portuguesas com a América Espanhola; a informação tão importante e oportuna sobre a lei eleitoral argentina; a iniciativa da homenagem da América Espanhola a Portugal, na pessoa do presidente Dr. António José d'Almeida; os centenários do Brasil, em que o ministro de Portugal tomou parte importante, e o de Camões, celebrado quasi como data nacional em algumas das principais repúblicas. E tudo isto significa a inauguração de uma política exterior positiva e construtiva, para cujo êxito o representante de Portugal soube reatar antigos laços e tradições esquecidas, aproveitando a simpatia do ambiente, mostrando que não há em tal simpatia a minima reserva (ao contrário do que sucede com a Espanha relativamente à nossa independência), incitando, em-fim, Portugal a multiplicar a sua presença na América e a fazer da solidariedade moral e material com esse Continente uma das mais prometedoras bases da sua política externa.

Programa, já se vê, de fundo fôlego e para prazo largo, programa de vistas largas, que não é para ser executado por um só homem, nem sequer na existência de uma geração única, mas no qual por isso mesmo se revela o pensamento político do funcionário a quem não basta aviar o expediente cotidiano, mas sente, pensa e procede como verdadeiro cidadão e previdente homem de estado, além de patriota infatigavelmente vigilante e activo.

Assim se iniciam novas eras e se desbravam caminhos novos. Este, que tão fundas perspectivas oferece, está aberto e basta agora caminhar por ele.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

lismo, um dêles, e dos mais notáveis, é certamente D. João de Castro. Le pões diante de si as figuras e cuida somente de analisá-las, de lhes perscrutar as almas próprias. A sua jamaiz se lhes emaranha, jamaiz se mete de permeio na intriga, jamaiz acode em qualquer passo a dar-lhes artificial alento.

O Canto da Seréia é tratado com essa serena pericia de analista de caracteres e por isso das suas páginas saem, vivas, humanas, palpantes, as figuras que o autor concebeu para um verosímil jogo de amor e de cobiça, no cenário do norte em que situou o solar do senhor de Alvelos, cenário de paisagem um tanto severa, mas onde de quando em quando D. João de Castro, com retina de pintor, encontra lanços de fresca aquarela. Simão Barreto e Maria Inês são almas estudadas com inexcusável carinho. E nas que secundariamente compõem o quadro, como o Varandans êbrio e roído da ambição de ver a filha amantizada com o fidalgo, ainda que

estilo e a técnica são admiráveis. Porém, o tema pareceu-nos de inferior valia. Não a incluiremos entre o que assegura renome ao autor.

Um exagêro que pende para a caricatura e uma condescendência com certos termos bastardos da linguagem popular põem as páginas desta curta novela fora da literatura que se destina a ser lida por gente nova e de espirito ingénio.

Levando nos ombros uma romântica e negra capa de escolar e no peito um coração freme de entusiasmo juvenil, Paulo de Brito Aranha, herdeiro dum nome venerado no jornalismo e na erudição, foi há meses ao Brasil no meio do Orfeão Académico de Lisboa. Eleito orador oficial dessa linda e gárrula embaixada de arte, os discursos que em diferentes cerimónias e festividades se viu obrigado a proferir, quasi de improviso, atingiram número elevado. E o certo é que, num país onde a oratória gosa

dos, portugueses e brasileiros, pertencemos, à paisagem ubérrima daquela terra moça e ao seu vertiginoso progresso, à ternura e à beleza das suas mulheres e aos altos expoentes da sua cultura e da sua arte, em todos êsses discursos se expande uma inteligência ansiosa de motivos de amor e admiração.

O livro destina-se especialmente ao público do Brasil, donde o autor, para o organizar, recebeu amável *ultimatum*. Mas apareceu também nas livrarias de Portugal, para que o olhemos como aquilo que é: a gentil estreia literária de Paulo de Brito Aranha, que assim, dando corpo à melhor recordação dos seus vinte anos cheios de talento, soube fugir ao corriqueiro feixe de primicias em verso com que todos nós, homens de letras, rompemos caminho. Que, afinal, o lirismo a ródos que doura estas páginas daria bem para meia dúzia de apreciáveis estreias em verso.

CÉSAR DE FRIAS.

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

LITERATURA INGLESA TRADUZIDA EM FRANCÊS

(Continuado do número 1.º)

JOSEPH CONRAD (1856-1924)

Le Nègre du Narcisse, 1910.
L'Agent Secret, 1912.
Typhon, trad. André Gide, 1918.
La Folie-Almayer, 1919.
Sous les Yeux d'Occident, 1920.
En Marge des Marées, 1921.
Lord Jim, 1922.
Une victoire, 2 vols., 1923.
Souvenirs, 1924.
Un Avant-poste de la Civilisation, 1925.
Jeunesse, seguido de *Le Cœur des Ténèbres*, 1925.
 Todos editados pela *Nouvelle Revue Française*.

G. K. CESTERTON (1874)

Le Nommé Jeudi, 1911 (6,75 frs.).
Le Napoléon de Notting-Hill, 1913 (6,75 frs.).
La Barbarie de Berlin, trad. Isabelle Rivière, 1915 (5,75 frs.) *Nouvelle Revue Française*.
Les Crimes d'Angleterre, trad. Charles Grolleau, G. Crès & C.^{ie}, 1916 (3 frs.).
La Clavoyance du Père Brown, trad. Em. Cammaerts, Perrin, 1919 (7 frs.).
La Sphère et la Croix, trad. Ch. Grolleau, G. Crès & C.^{ie}, 1923 (7 frs.).
Petite Histoire d'Angleterre, trad. Anne Osmond, G. Crès & C.^{ie}, 1922 (6 frs.).
Orthodoxie, trad. Ch. Grolleau, Rouart & Watelet, 1923 (7 frs.).
Charles Dickens, Delagrave.
Saint François d'Assis, trad. Isabelle Rivière, 1925 (12 frs.).

JAMES JOYCE (1882)

Gens de Dublin (a aparecer).
Dedalus (Portrait of the Artist as a Young Man), trad. Savitsky, 1924 (10,75 frs.).
Ulysses, trad. Valéry Larbaud e Augusto Marel (em preparação).

JEROME K. JEROME (1860)

Pensées oisives d'un Humoriste Anglais, trad. L. Meyer de Stadelhofen, 1908.
Trois Hommes dans un bateau, trad. par Théo Varlet, 1921 (7 frs.).
Trois Hommes en Allemagne, trad. Georges Seligman, 1922 (7,50 frs.).

RUDYARD KIPLING (1865)

Le Naulahka, trad. M.^{me} Charles Laurent (edição atual, 3,50 frs.).
Le Livre de la Jungle et le Seconde Livre de la Jungle, trad. par Louis Fabulet et Robert d'Humières, 1899 (7,50 frs. cada volume).
La Lumière qui s'éteint, trad. M.^{me} Charles Laurent, 1900 (7 frs.).
La plus belle Histoire du Monde, trad. Louis Fabulet et Robert d'Humières, 1900 (7,50 frs.).
L'Homme qui voulait être roi, trad. Louis Fabulet et R. d'Humières, 1901 (7,50 frs.).
Kim, trad. Fontaine-Walker, 1902 (7,50 frs.).
Les Bâtisseurs de Ponts, trad. Fabulet et d'Humières, 1902 (7,50 frs.).
Sialky & C.^{ie}, trad. Paul Bettelheim et Rodolphe Thomaz, 1903 (7,50 frs.).
Captaines courageux, trad. Fabulet et Walker, 1903 (edições atuais a 12 frs. e 3 frs.).
Histoires comme ça, trad. R. d'Humières et L. Fabulet, 1903 (15 frs.).
Sur le Mur de la Ville, trad. Fabulet, estudo crítico de André Chevrillon, 1903 (7,50 frs.).
Lettres du Japon, trad. Fabulet et Arthur Austrie-Jackson, 1904 (7,50 frs.).
Histoire des Gadsby, trad. Fabulet et Jackson, 1904 (7,50 frs.).
Simple Contes des Collines, trad. A. Savine, 1907 (6,75 frs.).

Nouveaux Contes des Collines, trad. A. Savine, 1907 (6,75 frs.).
Le Chat Maltais, trad. Fabulet et Jackson, 1908 (6,75 frs.).
Trois Troupiers, trad. A. Savine, 1908 (6,75 frs.).
Autres Troupiers, trad. A. Savine, 1908 (6,75 frs.).
Au Blanc et Noir, trad. A. Savine, 1909 (6,75 frs.).
Au Hasard de la Vie, trad. A. Savine, 1910 (6,75 frs.).
Sous les Déodards, trad. A. Savine, 1910 (6,75 frs.).
Lettres de Marque, trad. A. Savine, 1910 (6,75 frs.).
La Cité de l'Épouvantable Nuit, trad. A. Savine, 1910 (6,75 frs.).
Actions et Réactions, trad. Fabulet et Jackson, 1911 (7,50 frs.).
Chez les Américains, trad. A. Savine, 1910 (6,75 frs.).
Brugglesmüh, trad. A. Savine, 1912 (6,75 frs.).
Parmis les Cheminots de l'Inde, Une vraie Flotte, trad. A. Savine, 1913 (9 frs.).
La France en Guerre, trad. Claude et Joël Rist, 1915.
Des Voyages et des Parfums, trad. René Puaux, 1917.
La Guerre sur Mer, Pref. de Etienne Lamy, 1919 (6 frs.).
Diverses Créatures, trad. Guillaume Lerolle, 1919 (4 frs.).
Chansons de la Chambrée, trad. A. Savine e Georges Michel, 1920 15 (9 frs.).
Les Yeux d'Asie, trad. Firmin Roz, 1920 3 frs.).
Lettres de Voyage, 1922 (6 frs.).
Sa Majesté le Roi, trad. Fabulet, 1923 (7,50 frs.).
Contes Choisis, trad. Fabulet, Humières e Jackson, 1914 (15 frs.).
Du Cran! trad. Fabulet, 1925 (7,50 frs.).

GALSWORTHY (1867)

Le Manoír, trad. Principe A. Bibesco, 1920.
Un Saint, trad. Louis Paul Alaux, 1920 (7,50 frs.).
La Fleur Sombre, trad. M.^{me} de Coppet, 1921 (6,75 frs.).
Le Domaine, trad. P.^e A. de Bibesco, 1922 (6,75 frs.).
Le Patricien, trad. J. Rabache, 1923 (6,75 frs.).
Fraternité, trad. Paulette Michel-Côte, 1924 (6,75 frs.).
L'Honneur du Nom, trad. Gabrielle Godet, (*Revue de Genève*) 1925.
Le Propriétaire, trad. Camille Mayran, 1925 (7,50 frs.).

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

A. — SECÇÃO FRANCESA

1 — Literatura

a) Romances, contos e novelas:

Drieu la Rochelle — *L'Homme couvert de femmes*, 9 frs. (*Nouv. Revue Française*).
 Fischer (Max et Alex) — *Des Histoires drôles pour la Jeunesse*, Ill. de Kenn, 12 frs. (*E. Flammarion*).
 Farrer (Cl) — *Mes Voyages, La Promenade d'Extrême-Orient*, br. 16 frs., rélié, 25 frs. (*E. Flammarion*).
 Kahn (Jules) — *Histoires californiennes*, 1866-1875, 7 frs. (*Édit Sansot*).
 Marguerite (Paul) — *Le Printemps tourmenté*, 8,50 frs. (*E. Flammarion*).
 Pierre-Gauthiez — *Le Vitrail de Ste-Genève*, br. 6,50 frs., cart. 8,50 frs. (*Édit. de la Vraie France*).
 b) Ensaios, estudos e críticas:
 Herriot (Édouard) — *Dans la forêt normande*, 9 frs. (*Libr. Hachette*).
 Houville (Gérard d') — *L'Enfant*, Coll. Les Ages de la vie, 5 frs. (*Libr. Hachette*).

Hervier — *Œuvres choisies de Ste-Beuve*, br. 7,50 frs., cart. 17 frs. (*Delagrave*).
 Latreille (C.) — *La Mère de Lamartine*, 8 pl. hors texte, 10 fr. (*G. Van Oest*).
 Lefèvre (Frédéric) — *Une heure avec*, 3.^e série, 12 frs. (*Nouv. Revue Française*).
 N... — *L'Ami du Lettré*, 1926 12 frs. (B. Grasset).

2 — HISTÓRIA

Dumas (Antoine) — *Tableau synchrone d'histoire universelle*, 12 frs. (*Mercier*).
 Gautherot (Gustave) — *Un gentilhomme de grand chemin, le maréchal de Bourmont (1773-1846)*, 25 frs. (*Les Presses Universitaires de France*).
 Hazard (Paul) — *Lamartine*, N.º 6. Collection Nobles Vies, Grandes Œuvres. Cart., 6 frs. (*Plon-Nourrit & C.^{ie}*).
 Maspéro — *La Chine*, 15 frs. (*Delagrave*).
 N... — *Anecdotes, Scènes et Portraits extraits des Mémoires de Saint-Simon (1694-1709)*, T. I. Bibliothèque Historia, 15 frs. J. Tallandier).
 Nolhac (Pierre de) — *Versailles et la Cour de France. Versailles résidence de Louis XIV*. Ill. par Guzman, br., 25 frs.; Rel. 75 et 110 frs. (*Conard*).

4 — DIREITO

Antonelli (Etienne) — *Manuel de législation coloniale*, 15 frs. (*Les Presses Universitaires de France*).
 Barkouky (El.) — *Les rapports du pouvoir judiciaire et du pouvoir exécutif en Égypte*, 15 frs. (*Dalloz*).
 Barthelemy (H.) — *Traité élémentaire de droit administratif*, 50 frs.; franco, 53 frs. (*Rousseau & C.^{ie}*).
 Boitel et Foignet — *Manuel élémentaire de droit commercial maritime*, 12 frs.; franco, 13,20 frs. (*Rousseau & C.^{ie}*).
 Capitant (Henri) — *Comment il faut faire sa thèse de doctorat*, 6 frs. (*Dalloz*).
 Dalloz — *Petits Précis de droit administratifs*. Préface de M. L. Rolland, 12 frs. (*Dalloz*).
 Foignet — *Manuel élémentaire de droit administratif*. In-16, 700 p., br., 12 frs.; franco, 13,20 frs. (*Rousseau & C.^{ie}*).
 Foignet et Dupont — *Manuel élémentaire de législation financière*, br., 12 frs.; franco, 13,20 frs. (*Rousseau & C.^{ie}*).
 Gobert (A.) — *Opposition des assemblées pendant le Consulat (1800-1804)*, 30 frs. (*Sagot*).
 Graven — *Les Médecins et le Droit civil*, 15 frs. (*Dalloz*).
 Javon (A.) — *Partages d'ascendants par actes entre vifs*, cart., 25 frs. (*G. Godde*).
 Lainey — *Formulaire d'actes usuels sous seing privé*, br., 40 frs.; cart., 48 frs. (*Godde*).
 Martin (Henry-Germain) — *De la prétendue faillite des lois économiques*, 30 frs. (*Sagot*).
 Pige (Bernard) — *Le Juge unique et le Statut de la magistrature en France*, 30 frs. (*Sagot*).
 Poupard (E.) — *L'Occupation de la Ruhr et le Droit des gens*, 25 frs. (*Les Presses Universitaires de France*).
 Ruby (Albert) — *Le courtage matrimonial*, 12 frs. (*Sagot*).
 Sautal — *L'Usufruit des valeurs mobilières*, 10 frs. (*Dalloz*).

6 — FILOSOFIA, MORAL, RELIGIÃO E TEOLOGIA

Anthony (R.) — *Réflexions d'un biologiste sur l'objet, les méthodes et les limites de la psychologie; res rapports logiques avec les autres branches de la science*, 5 frs. (*Librairie J. de Vrin*).
 N... — *Archives de philosophie*, vol. 3 cahier 2 *Études sur Saint Thomas (1225-1925) Beauchesne*.
 Prati (Carlo) — *Papes et Cardinaux dans la Rome Moderne*, Préface de Jean Carrère, 9 frs. (*Plon-Nourrit & C.^{ie}*).
 Valensin (August) — *A travers la métaphysique*. (*Beauchesne*).
 Rauch (F.). — *L'Expérience morale*, 3.^e édit. 20 frs. (*F. Alcan*).

ILUSTRAÇÃO

JOALHARIA DO CARMO

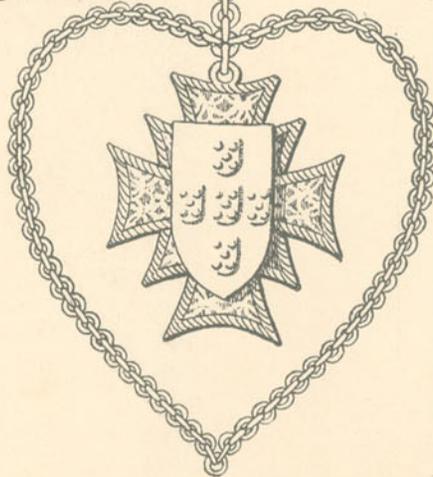


JOIAS

E

P R A T A S

ARTISTICAS



PRESENTES

PARA

ANIVERSARIOS

E

CASAMENTOS

SEDE NO PORTO

RUA 31 DE JANEIRO, 53

FILIAL EM LISBOA

RUA DO CARMO, 87-B

TELE { GRAMAS: AUREARTE
FONE: 1160

TELE { GRAMAS: AUREARTE
FONE: N. 1360



Maquina de Barbear
"VALET"
Auto Strip

Evita contínuas
despezas de lâminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

- 1.º Dispositivo suavizador que permite dar à lâmina em dez segundos um fio finissimo, sem haver necessidade de retirar a lâmina da máquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial e custoso.
- 2.º Graças à qualidade do aço as lâminas podem servir 50 vezes ou mais evitando contínuas despezas de lâminas novas.
- 3.º A limpeza é extremamente fácil, não havendo necessidade de retirar a lâmina, nem de desparafusar ou desmontar peça alguma.

AGÊNCIA: LACHAUD & C.^A
44, RUA DOS FANQUEIROS — LISBOA

Waterman

Exigi sempre a
**Caneta
Ideal
Waterman**



A caneta que goza de maior
reputação no mundo inteiro

Agencia. 44 Rua dos Fanqueiros, Lisboa

Waterman

Jose' Olaio & C.^ª (FILHO)

*Mobílias
Carpettes*

CONFORTAVELIS GENERO MAPLE

R. Atalaia 36-40

TELEF. C. 3082

ILUSTRAÇÃO

POMPADOUR

Esta série de perfumarias constitui o
: : nosso orgulho de fabricantes : :

TOMÁS MENDONÇA, FILHOS, L.^{DA}

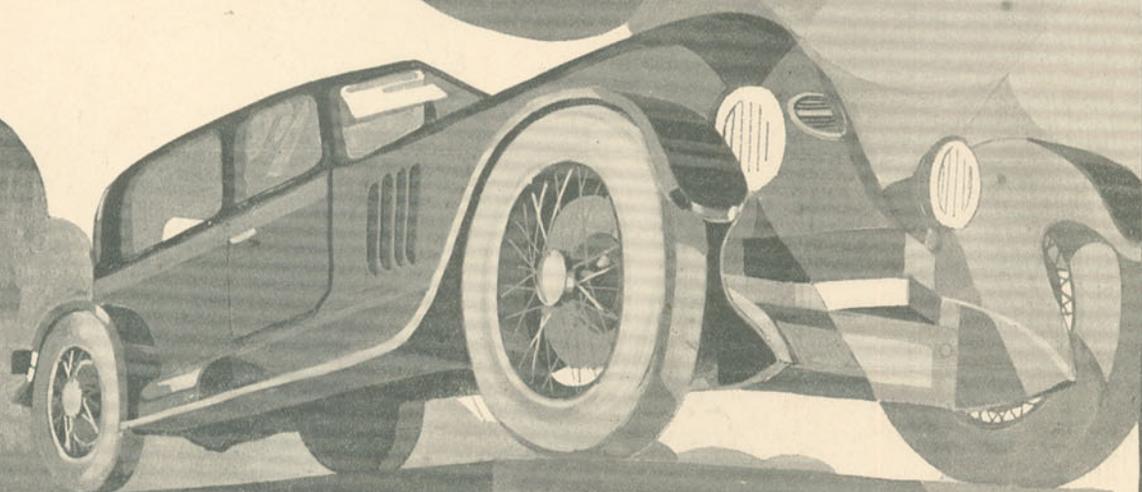


PERFUMARIA MENDONÇA

Telefone: Trindade 105

CALÇADA DO COMBRO, 47—LISBOA

Renault



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMOVEIS, L.^{DA}
A U T O - P A L A C E

GARAGE: Rua Alexandre Herculano

Agentes exclusivos:
RENAULT, DE DION BOUTON, ISOTTA FRASCHINI,
HUDSON e ESSEX



A Proposer

DeReszke CIGARETTES

TURCO

AMBOS IGUAIS

E VIRGINIA

E BONS



À venda na

TABACARIA PHENIX

Rua 1.ª de Dezembro
(junto ao Avenida Palace)

Agentes gerais em Portugal

M. MITCHELL, L.^{DA}

T. da Ribeira Nova, 26
LISBOA

FAÇA esta experiência numa superfície pintada com

ROBBIALAC

V. S.^a verá que este belo esmalte não escalavra nem fica estragada, enquanto se fôr pintado com outro esmalte ordinário sucede o contrário, abrindo fendas, e depressa mostra o vício.

ROBBIALAC pode obter-se nos seguintes depósitos:

Auto-Omnia, 23, Praça da Liberdade — PORTO.

Tulio Rita Ferro, Sucessor — BEJA.

Canto, L.^a, 11, Praça da Republica — COIMBRA.

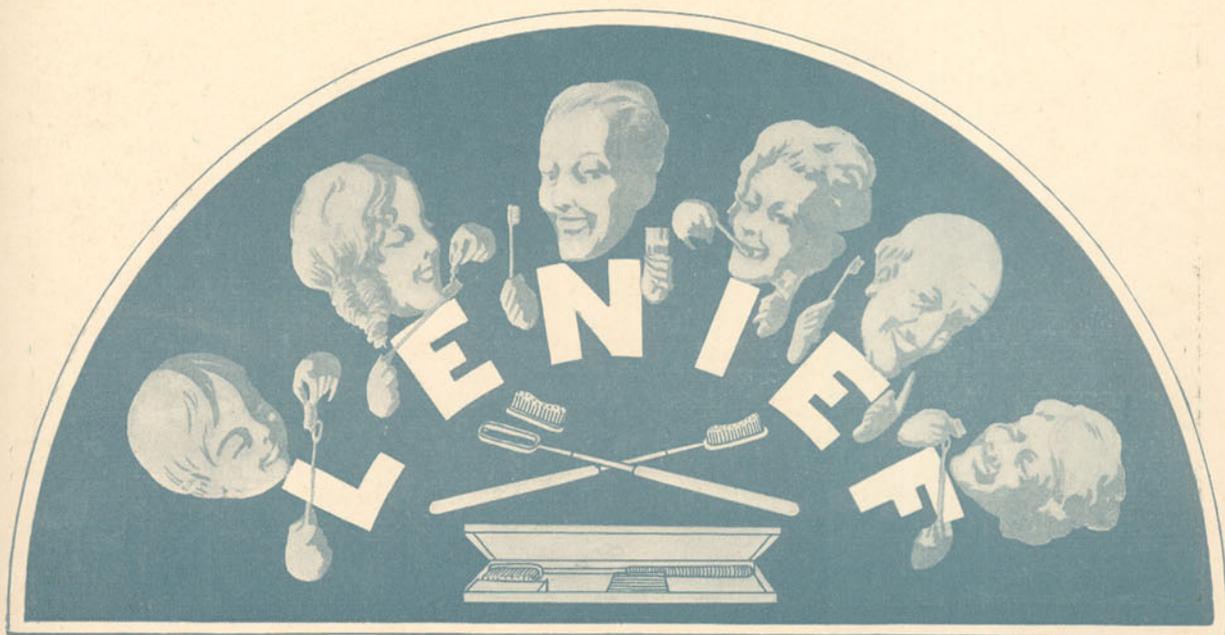
Lopes Ferreira, L.^a — VIZEU.

J. P. de Matos — LEIRIA.

J. G. Rugeroni, 67, Rocio — LISBOA.

AGENTES GERAIS PARA PORTUGAL: **M. MITCHELL, L.^{DA}**

TRAVESSA DA RIBEIRA NOVA, 26 — LISBOA



PREFERI SEMPRE A ESCOVA DE DENTES DO DR. LENIEF POR SER

A mais Elegante

A mais prática

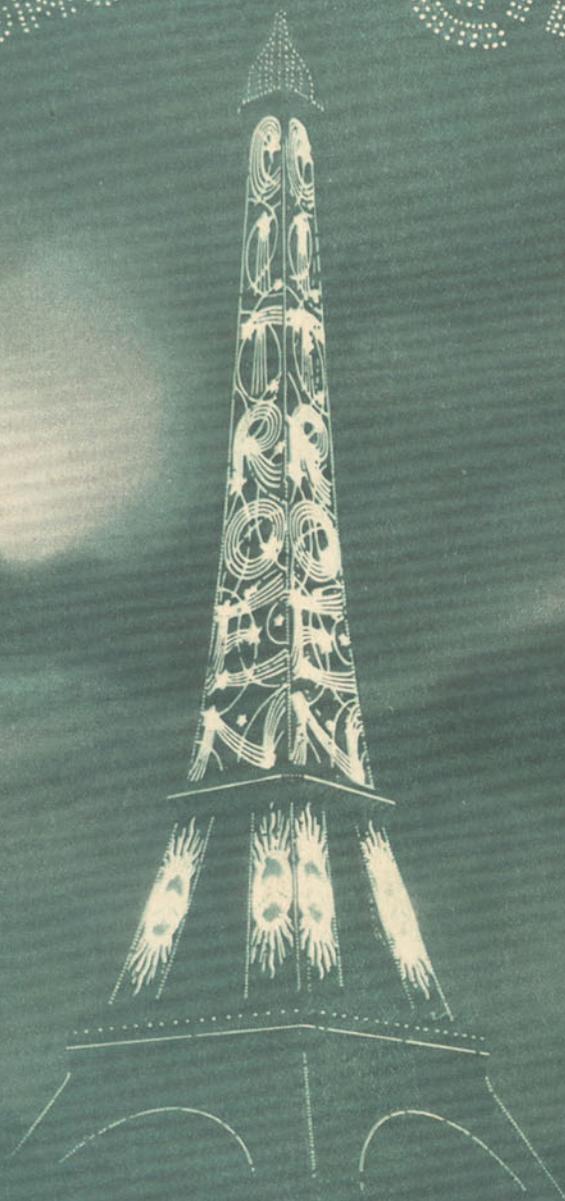
A mais higiénica

E a mais económica

VENDAS POR GROSSO

Agencia: LACHAUD & C.^A — 44, Rua dos Fanqueiros, LISBOA

© AUTOMOVEL CITROËN



O maior reclame luminoso do mundo . .
feito ao automovel mais economico do mundo

Unicos agentes em Portugal e Colónias:

EDUARDO ROSA, LIMITADA

Avenida da Liberdade, 81 a 90 — LISBOA